

Elizane Pereira Neto

**UM NOVO OLHAR SOBRE O USO DA FORMA LEXICAL “AQUI”, NO GÊNERO
TEXTUAL BATE-PAPO POR COMPUTADOR, À LUZ DA TEORIA DA
ESTRUTURA RETÓRICA**

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2011**

ELIZANE PEREIRA NETO

**UM NOVO OLHAR SOBRE O USO DA FORMA LEXICAL “AQUI”, NO GÊNERO
TEXTUAL BATE-PAPO POR COMPUTADOR, À LUZ DA TEORIA DA
ESTRUTURA RETÓRICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso

Linha de Pesquisa : Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2011

Dissertação defendida e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores Doutores:

Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat- UFMG

Orientadora

Dr. Juliano Desiderato Antonio -UEM

Dra. Regina Péret Dell' Isola-UFMG

Belo Horizonte, 20 de Maio de 2011

POSLIN/FALE/UFMG

AGRADECIMENTOS

Não há como começar estes agradecimentos, sem antes agradecer àquele responsável por tudo em nossas vidas, aquele que nos alimenta e nos dá forças todas as manhãs, mesmo naquelas em que sentia que não seria capaz de chegar ao fim deste trabalho. Ele, com sua graça e infinita bondade, me deu forças e hoje estou aqui, cheguei ao final da minha batalha, e por isso agradeço ao nosso criador: obrigada, SENHOR!

Nesse caminho árduo de estudos e muita dedicação, Deus sempre coloca em nossas vidas pessoas iluminadas que nos dão forças e nos incentivam a seguir com garra nossa luta. Essas pessoas são verdadeiros anjos enviados por Deus, que estão na terra com a missão de ajudar ao próximo, com muito amor e carinho. Ao meu anjo guia, nessa longa caminhada, Deus deu o nome de “Beatriz Decat”, um ser humano lindo, não só por fora, uma pessoa maravilhosa que sempre esteve aberta a me ajudar e mostrar-me o melhor caminho a trilhar, sempre demonstrando e dizendo que, se estávamos ali, era porque éramos capazes. A você, meu anjo “Beatriz”, agradeço do fundo do meu coração por todas as horas dedicadas a mim, e espero que você possa continuar guiando outras pessoas, pois essa é a sua missão. Que Deus a abençoe sempre!

Agradeço também à minha família, que sempre me apoiou e me incentivou a correr atrás desse sonho, que no começo parecia algo irreal. Obrigada por fazerem parte da minha vida!

Por fim, agradeço a todos os amigos e professores do Poslin que contribuíram, de uma forma ou de outra, para que esse trabalho se realizasse; àqueles que, com boa vontade, cederam suas conversas para fazerem parte do corpus; àqueles que contribuíram com suas discussões e opiniões dentro da sala de aula, as quais fizeram com que eu chegasse a esse produto final. Sentirei saudades de todos os novos amigos que fiz ao longo desses dois anos de caminhada, mas terei sempre uma boa lembrança de cada um; e, com certeza, nos veremos ainda, pois apenas uma etapa da caminhada chegou ao fim.

Obrigada a todos!

“Tudo posso naquele que me fortalece”.

(Filipenses 4.13)

LISTA DE FIGURAS

Diagrama 1- Estrutura da Conversação Completa	16
Diagrama 2- Estrutura da Conversação sem a Abertura	17
Diagrama 3- Estrutura da Conversação sem o Fechamento	17
Diagrama 4- Estrutura da Conversação sem a Abertura e o Fechamento	18
Diagrama 5- Estrutura retórica (micro) do MSN5	23
Diagrama 5.1- Diagrama alternativo para a microestrutura do MSN5	24
Diagrama 6- Estrutura retórica (macro) do MSN5	37
Diagrama 7- Estrutura retórica do MSN1	45
Diagrama 8- Estrutura retórica do MSN3	48
Diagrama 9- Estrutura retórica do MSN4	52
Diagrama 10- Estrutura retórica do MSN6	57
Diagrama 11- Estrutura retórica do MSN11	59
Diagrama 12- Estrutura retórica do MSN10	62
Diagrama 13- Estrutura retórica do MSN9	67
Diagrama 14- Estrutura retórica do MSN16	73
Diagrama 15- Estrutura retórica do MSN20	78

RESUMO

Nesta dissertação, investiga-se o uso da forma lexical “Aqui” no gênero textual bate-papo mediado por computador – MSN. Pretende-se mostrar em quais usos esta forma pode ser considerada, na definição da Gramática Tradicional (GT), como advérbio locativo, e quais usos a definição da GT não é capaz de explicar. Assim, aponta-se, ao longo do trabalho, para novas funções da forma “Aqui”, tais como vocativo e marcador discursivo. Partindo de um *corpus* constituído de 65 textos de conversas realizadas através do MSN, o objetivo central do trabalho é mostrar que tipo de relação retórica é mantida pela forma “Aqui” entre as porções de texto, no nível macro de sua organização. Fundamentada na Teoria da Estrutura Retórica-RST, a análise objetivou, assim, mostrar que a forma “Aqui”, em muitas de suas ocorrências, é responsável por demarcar a introdução ou fechamento de um novo tópico discursivo, mantendo a coerência textual. Concluiu-se, assim, que a RST pode ser utilizada na análise de textos conversacionais.

Palavras- Chave: forma lexical “Aqui”; gênero textual MSN; Teoria da Estrutura Retórica; Funcionalismo.

ABSTRACT

The present dissertation looks on the use of the portuguese lexical form 'aqui' in chats using the Microsoft-licensed software - MSN. It aims to identify the uses in which such form can be regarded as a locative adverb, according to the definition prescribed in the Traditional Grammar (TG), as well as those uses which cannot be explained by the TG. Therefore, the present study reveals new functions of the above form 'aqui', such as vocative function an as discourse marker. Using a *corpus* made up of 65 MSN texts, the core objective of this study is to show the kind of rhetorical relation the form keeps between parts of the text on a macro level of organization. Based on the Rhetorical Structure Theory – RST, the analysis aimed to show that the Portuguese form 'aqui', in many of its employments, is responsible for making clear the introduction or closing of a new discursive topic, while keeping the textual coherence. Thus, the conclusion reached is that the RST can be employed in the analysis of conversational texts.

Keywords:

Lexical form "aqui"; MSN genre; Rhetorical Structure Theory (RST);Functionalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1-PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	6
1.1 Gêneros Textuais e MSN	6
1.2 Descrição do MSN	8
1.3 A escrita no MSN	12
1.4 A estrutura da conversação no MSN	14
1.5 A Teoria da Estrutura Retórica e o Funcionalismo	18
1.6 Objetivos e Metodologia	25
1.6.1 <i>Objetivos</i>	25
1.6.2 <i>Metodologia</i>	26
2- ANÁLISE DO CORPUS E RESULTADOS	28
2.1 Usos e funções da forma lexical “Aqui” no MSN	28
2.2 Estrutura Retórica do MSN	33
2.3 Análise da microestrutura do texto de MSN5	39
2.3.0 Análise da Estrutura Retórica dos textos de MSN	42
2.3.1 Análise do MSN1	42
2.3.2 Análise do MSN3	46
2.3.3 Análise do MSN4	49
2.3.4 Análise do MSN6	54
2.3.5 Análise do MSN11	58
2.3.6 Análise do MSN10	61
2.3.7 Análise do MSN9	63
2.3.8 Análise do MSN16	69
2.3.9 Análise do MSN20	74
2.4 Considerações residuais: um teste	79

3- CONCLUSÃO -----	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	84
ANEXOS -----	88
ANEXO I- DEFINIÇÕES DAS RELAÇÕES RST UTILIZADAS (RETIRADAS DE MANN,2009) -----	89
ANEXO II- NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DO “AQUI” NO CORPUS DE MSN ANALISADO E SUAS FUNÇÕES -----	94
ANEXO III- GLOSSÁRIO -----	97
ANEXO IV-CORPUS EM CD-ROM -----	99

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, cultivou-se a ideia de que língua falada e língua escrita eram dois processos completamente distintos, pois a segunda deveria ser repleta de formalidades, e não se aceitava a ideia de se ter uma grafia que contrariasse a norma prescrita pela gramática tradicional. O tempo passou e hoje vemos que não se pode ser tão radical nesta distinção, pois os meios de comunicação evoluíram e continuam evoluindo, trazendo uma nova forma de pensar e agir dos leitores e escritores. Sabemos que cada tipo de linguagem ainda possui suas peculiaridades, mas a cada dia novos usos da fala e da escrita, e esta têm feito com que pesquisadores e professores atentem para essas variações, pois a nova geração não está tão centrada na norma padrão. Não estamos dizendo aqui, que não devemos seguir as normas gramaticais, e sim que devemos atentar para as variações de grafia que acontecem nos textos virtuais e que não podem ser ignoradas; um exemplo dessas variações são as abreviaturas, que muitas vezes são criadas no ato de uma conversação apenas para economia de tempo.

Com a evolução da comunicação, não poderíamos deixar de mencionar aqui o surgimento da internet que teve assim sua origem ¹

no auge da Guerra Fria, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos concebeu a ARPA - Advanced Research Projects Agency. Sua função era liderar as pesquisas de ciência e tecnologia aplicáveis às forças armadas. Um dos objetivos foi o de se ter a possibilidade de desenvolver projetos em conjunto, sem o inconveniente da distância física, nem o risco de se perder dados e informações de uma base destruída em caso de combate.

A internet, como acabamos de mencionar surgiu com o intuito de ser utilizada nos centros de pesquisas, mas hoje, mais de 40 anos após sua invenção², se tornou um dos meios de comunicação mais utilizado no mundo, ou talvez, por que não dizer, o mais utilizado. O objetivo inicial de se estreitar o espaço físico entre as pessoas é o que faz com que as pessoas, a cada dia, utilizem mais os programas de *chats*, pois neles se tem uma comunicação em tempo real, de maneira mais eficaz do que o telefone, pois, além de se possibilitar a comunicação verbalmente, ainda se pode ver a imagem através da *webcam*, por um custo inferior a uma ligação telefônica.

¹ Retirado de <http://www.interponta.com.br/~tutorial/suporte/comosuriguainternet.htm>

² A informação conforme dados do site <http://www.interponta.com.br/~tutorial/suporte/comosuriguainternet.htm> é que a internet surgiu em 1969.

Assim, diante das facilidades disponibilizadas pela internet e seu uso cada vez mais constante na vida de pessoas de todas as classes sociais, escolhemos um programa de bate-papo por computador para servir de suporte a nossa pesquisa, pois nosso interesse estava em mostrar como determinado elemento utilizado na língua oral também podia ser registrado na língua escrita, pois, partimos do princípio de que a língua escrita é, de alguma forma e em alguns contextos um reflexo da língua falada, e nesses programas de conversação *online* as pessoas escrevem como se estivessem conversando face a face.

Segundo Castilho (2010, p.225) “a conversação é uma atividade linguística básica. Ela integra as práticas diárias de qualquer cidadão, independente de seu nível sociocultural.” Ou seja, faz parte do cotidiano das pessoas, independente do ambiente em que ela esteja, podendo variar desde uma conversação mais formal até a mais informal, ou íntima, e quanto mais íntima, mais usos coloquiais vão surgindo, até mesmo na conversação escrita.

Assim, o presente trabalho tem como intuito analisar os usos e funções da forma lexical “Aqui” no gênero textual bate-papo por computador- MSN.

O interesse por esse assunto surgiu a partir da observação de como as pessoas têm feito um uso tão diferente dessa palavra (“Aqui”) nos últimos tempos. Estávamos acostumados a ver o emprego dessa forma lexical em frases do tipo:

1-**Aqui** está tudo tranquilo.

2-Ele passará **aqui** após a aula.

Nos exemplos citados temos a forma lexical “Aqui” desempenhando seu papel tradicional de advérbio locativo definido pela gramática tradicional, o qual definiremos adiante; mas nossa curiosidade foi aguçada a partir do momento em que observamos que havia algo novo, um novo uso que estava se estabelecendo e que não se igualava aos usos tradicionais. As pessoas estavam empregando essa forma lexical com uma nova intenção. Sendo assim, para descobrir que nova intenção era essa, começamos a observar frases do tipo:

3- **Aqui**, vc já mandou seu trabalho final pra professora?! Ela te deu algum retorno?!

4- **Aqui**, mandei as questões de artes, para o simulado, para o seu e-mail.

Como é possível notar, nos exemplos 3 e 4 temos um uso diferente daquele de 1 e 2; mas que uso é esse? Isso é o que iremos discutir e mostrar ao longo deste trabalho, no qual iremos propor outras funções, além da função tradicional de advérbio locativo, ou seja, analisaremos todas as ocorrências do elemento “Aqui”, e depois separaremos quais permanecem na definição tradicional, e quais serão enquadradas nas funções de marcador discursivo e de vocativo.

Dessa forma, para que tal análise fosse possível, foi preciso pensar em um gênero escrito, onde esse elemento estivesse ocorrendo, pois, até então, o termo estava sendo observado apenas na oralidade. Após algumas pesquisas foi possível perceber que, da mesma forma que ele era empregado na oralidade, ele também era registrado no bate-papo por computador, por se tratar de um processo de conversação simultânea.

Além de observarmos os usos e funções do elemento “Aqui” também foi feita uma análise da estrutura retórica, que, segundo Antonio (2004, p.38), “é uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto.” Essas relações podem se dar tanto entre as partes maiores (macroestrutura) quanto entre as menores (microestrutura). Nosso objetivo está em analisar as partes maiores, para o que, nossos textos foram divididos em blocos, nos quais, além de analisarmos a relação retórica existente, analisamos também se a forma lexical “Aqui” influencia na abertura ou fechamento desses blocos.

Para que tal trabalho fosse possível, recolhemos conversas realizadas no MSN, para compor o banco de dados desta pesquisa cedidas por interlocutores. Ao coletamos 65 conversas, das quais selecionamos 10 para análise. Em todos os 10 textos selecionados fizemos a análise da estrutura retórica, observando se a forma lexical “Aqui” mantinha alguma relação entre as porções textuais estabelecidas por essa estrutura e, também analisamos em quais ocorrências o elemento “Aqui” podia ser definido como locativo e em quais ele estabeleceria novas funções, como já mencionado anteriormente. Nosso interesse era saber se o elemento “Aqui” no programa MSN perdia a função de locativo e se, ao perder essa função, ele poderia ser inserido em uma nova ou em novas funções, mesmo estas não sendo ainda reconhecidas pela gramatical tradicional.

A título de curiosidade, para sabermos se o uso por nós percebido era também percebido por outras pessoas, solicitamos a uma professora de Língua Portuguesa do 9º ano

do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio que pedisse a seus alunos para analisar duas conversas, que fazem parte do nosso banco de dados, e verificar qual era o uso da forma lexical “Aqui” nelas encontrada. Ao final do nosso trabalho também mencionaremos qual foi a análise feita pelos alunos.

Além dessa introdução que apresenta nosso objeto de pesquisa, nosso objetivo em relação ao mesmo e nossa justificativa, o trabalho contém 2 capítulos organizados da seguinte forma:

O capítulo 1 apresenta os pressupostos teóricos e metodológicos, sendo a parte teórica dividida em 6 seções. A primeira trata da questão dos gêneros textuais, baseando-se em Marcuschi (2002) e Bazerman (2006); a segunda faz uma descrição do MSN, com definições retiradas de *sites*. A terceira seção relata a escrita no MSN, observando os postulados de Medeiros (2000) e Marcuschi (2005); a quarta seção propõe a estrutura da conversação com base em Marcuschi (1991) e apresenta um diagrama que será utilizado para representar a estrutura da conversação ao longo das análises dos textos; na quinta seção, baseamo-nos no trabalho de Correia e Neto (2010) para apresentarmos a Teoria da Estrutura Retórica fundamentada em Mann e Thompson (1983), Mann (1984) e Mathiessen e Thompson (1988); na última seção apresentamos nossos objetivos e metodologia.

No capítulo 2 apresentamos a análise do *corpus*, sendo esse capítulo dividido em quatro seções: a primeira trata dos usos e funções da forma lexical “Aqui” no MSN, a segunda apresenta a estrutura retórica do MSN e, a terceira trata da análise dos 10 textos selecionados, mostrando a estrutura retórica de cada um deles e o apontamento das funções da forma lexical “Aqui” encontradas. A título de curiosidade, na primeira análise, além da macroestrutura, que é nosso objetivo, fizemos a análise da microestrutura, apenas para mostrar que nesse tipo de texto também é possível se chegar a uma estrutura mínima de análise; e a terceira seção: onde apresentamos um resumo de um teste aplicado a alunos dos níveis fundamental e médio, para verificar se eles também tinham um novo olhar sobre o uso da forma lexical “Aqui” no MSN.

A conclusão, que apresenta as considerações finais, onde são retomados alguns conceitos que julgamos necessários, e são mostradas algumas das conclusões que chegamos ao longo de nossa pesquisa.

Ao final deste trabalho temos quatro anexos, sendo os três primeiros impressos e o último em forma de *CD-Rom* : o primeiro mostra as definições das relações retóricas; o segundo, é um quadro quantitativo das ocorrências da forma lexical “Aqui” encontradas nos

65 textos que compõem o *corpus* da pesquisa, divididas de acordo com as funções exercidas; o terceiro é um glossário onde colocamos o significado de algumas abreviações e expressões que ocorreram ao longo dos 10 textos analisados, e o último anexo ,está em *CD-Rom*, contem os 65 textos que formam o banco de dados por nós coletado.

1-PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1.1 Gêneros textuais MSN

De onde vem os gêneros? Pois bem, simplesmente de outros gêneros. Um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação.

(TODOROV, apud MARCUSCHI, 2005, p.91)

Para definir gênero textual e considerar o MSN como tal, apoiamos-nos nas postulações de Marcuschi (2002), o qual considera a inovação tecnológica no mundo da linguagem como uma forma de organização social e cultural, o que está na base da definição de gênero. Para embasar um pouco mais nossa noção de gêneros, além de Marcuschi utilizamos os postulados de Bazerman (2006).

Acreditamos que todas as inovações, sejam elas tecnológicas ou não, acontecem porque o homem permite seu ingresso na sociedade. Assim, a cada inovação, a cada novo texto criado bem sucedido cria nos leitores um fato social: “coisas que as pessoas acreditam que sejam verdadeiras e, assim, afetam o modo como elas definem uma situação. As pessoas, então, agem, como se esses fatos fossem verdades” (Bazerman, 2006, p.23), ou seja, se um determinado grupo aceita e reconhece determinado texto como pertencente a tal gênero, assim será, pois, os gêneros são aquilo que seus leitores acreditam que eles sejam.

Ainda de acordo com Bazerman (2006)

podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão - somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que tentam compreender umas às outras suficientemente bem para poder coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. BAZERMAN (2006, p.31)

Se os gêneros são fenômenos de reconhecimento social, devemos trabalhar e apreciar os mais diversos tipos de textos, inclusive os tecnológicos, pois, eles fazem parte do meio

social, ou seja, fazem parte de um fato social reconhecido pelos falantes. Surgem com o tempo e através do uso que os falantes fazem, eles se tornam conhecidos como fatos sociais.

Desta forma, o MSN é para nós um gênero textual, pois ele é fruto de um fato social, ou seja, os falantes o usam e o reconhecem como tal.

Percebemos que não é tão fácil caracterizar um gênero textual, devido à variabilidade de gêneros existentes, muitos deles com características semelhantes, o que causa divergência na opinião de alguns autores. Então, escolhemos como base teórica para definir gênero textual as considerações de Marcuschi (2002), segundo o qual

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão (...) bate-papo por computador (...) e assim por diante. (MARCUSCHI, 2002, p.22 - 23).

Como podemos observar, Marcuschi considera o gênero textual como algo não estático, aberto a variações funcionais. Estas variações surgem com o tempo e de acordo com a inovação da sociedade. Esse autor considera as influências tecnológicas no mundo da escrita. Então, pensamos ser viável analisar que tipo de usos as pessoas vêm dando a determinados elementos da língua, nesses novos gêneros.

Ainda de acordo com Marcuschi (2002),

os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no séc.XVIII, dar início a uma grande ampliação. Hoje em plena fase denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade quanto na escrita. (MARCUSCHI, 2002 p.19).

Os novos gêneros textuais não surgem do nada. Eles quase sempre vêm de outros já existentes, como no caso do e-mail, que veio da carta tradicional .

O MSN é fruto da cultura eletrônica, e ele surgiu para facilitar a comunicação entre as pessoas independentemente da distância em que elas estejam. É um gênero que possui uma linguagem próxima à fala e que possibilita através de outros recursos um processo de interação muito próximo ao face a face, como veremos adiante.

1.2 Descrições do MSN

“Contrariando as mais lúgubres projeções, o advento da comunicação mediado por computador (CMC) não veio aniquilar o desejo interativo do ser humano, outrossim, apenas vem reforçando, colocando num patamar diverso do tradicional, o hábito milenar de conversar, conquanto tenhamos encarado no meio eletrônico a faceta mais notória e livre da conversação: o bate-papo.”(FIRMINO,apud ARAÚJO,2005, p.39)

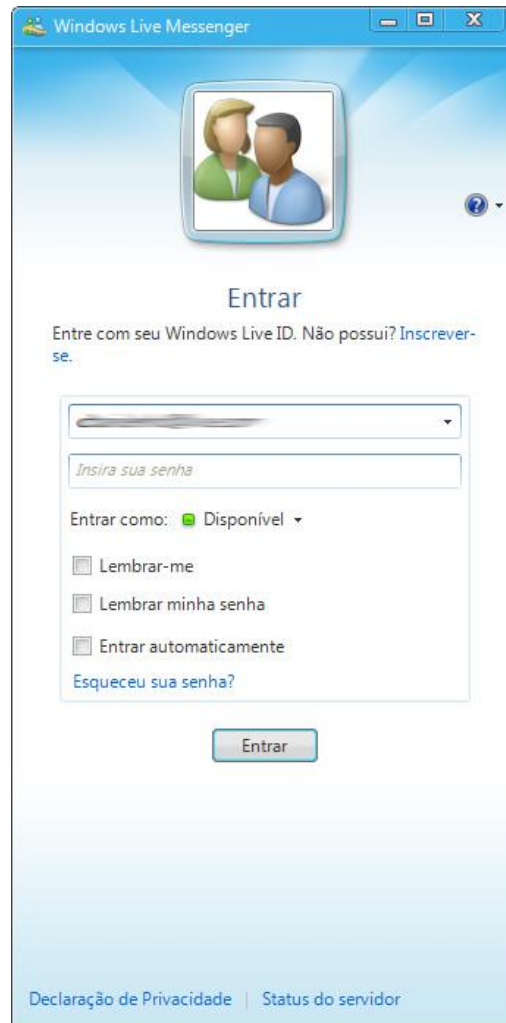
Escolhemos o MSN porque ele é um programa de conversação por computador de uso mundial, o qual possui a seguinte definição na internet³:

O MSN Messenger (Microsoft Service Network) é um programa online de mensagens instantâneas, podendo ter uma lista de amigos "virtuais". Pode-se dizer que é um ambiente reservado, restrito, mais “familiar”, mais responsável, e pode-se acompanhar quando os “interlocutores” entram e saem da rede. O programa permite que um usuário da Internet se comunique com outro que tenha o mesmo programa em tempo real. Originou-se do ICQ , em 1997, que servia como interação online antes do MSN, embora ainda seja muito utilizado em outros países. O sucesso do MSN pode ser explicado por ser integrado ao serviço de e-mail Hotmail, por ser incluso no Windows XP e por ter uma intensa publicidade junto ao público jovem. Também tem como concorrente o Yahoo! Messenger, outro serviço igualmente integrado a e-mail. A interação por esse ambiente aproxima-se muito dos outros chats abertos, pois utiliza os mesmos mecanismos para a comunicação e os léxicos (texto) são determinados pelo internautas.

A janela de login do MSN é a primeira página de acesso ao programa, onde o usuário deve digitar seu login e sua senha para entrar no programa, como no modelo que segue⁴:

³ Retirado de <http://www.uems.br/cellms/documentos/14%20-20LINGUAGEM%20E%20TECNOLOGIA.pdf>

⁴ As imagens do MSN colocadas neste trabalho foram retiradas do site: <http://www.messbrasil.com.br>



Assim como ICQ⁵, o MSN é uma forma de interação sincrônica com o interlocutor e, para acessá-lo, a pessoa tem apenas que baixar o programa no computador. Após ter baixado o programa, é necessário cadastrar-se através de uma senha e um e-mail; a partir desse cadastramento, a pessoa envia um convite solicitando ao seu interlocutor que a adicione a sua lista de contatos. Cabe ressaltar que esta lista já faz parte do próprio programa, que proporciona a seu usuário saber quais os integrantes da sua lista estão *online* e proporciona também uma maneira de organizar todas as pessoas que forem adicionadas, podendo até separá-las por grau de intimidade.

⁵ O ICQ trata-se de um programa de comunicação instantânea pela internet. A sigla ICQ resulta de um trocadilho baseado na pronúncia das três letras (I=[ai]; C=[si]; Q=[kiu], assemelhando-se a *I seek you*, que, em português, significa “eu procuro você”. Segundo Marcuschi (2005), o ICQ foi o primeiro chat a possibilitar que o usuário organizasse uma lista de amigos, de modo que, todas as vezes em que estes estivessem *online*, o sistema automaticamente os avisasse, possibilitando, caso quisessem, conversar em tempo real.” (MARCUSCHI, 2005, p.99).

As janelas do MSN geralmente seguem o modelo abaixo, podendo o usuário colocar sua foto ou não. O programa também permite a utilização de *webcam* que faz a transmissão ao vivo da imagem do usuário; mesmo que um dos interlocutores não tenha a *webcam* ele pode ver o seu interlocutor, não podendo apenas mostrar a sua imagem.



Em determinados momentos a conversação no MSN pode ser também assíncrona, pois, mesmo quando não há nenhum usuário *online*, é possível deixar uma mensagem; basta selecionar um *nickname*⁶ para abrir a janela e enviar a mensagem *offline*. Essa mensagem enviada será entregue ao destinatário assim que ele acessar novamente o programa.

Segundo Velame (2008, p7),

O MSN é considerado um dos principais programas do gênero bate-papo, que tem como objetivo estabelecer comunicação virtual instantânea entre duas ou mais pessoas independente de sua posição geográfica.

Apesar de o MSN não ter limites geográficos, o *corpus* de nossa pesquisa foi recolhido apenas da região metropolitana de Belo Horizonte/Minas Gerais, pois, foi nessa região que

⁶ Apelido escolhido pelos internautas para iniciar a interação (conversação) no bate-papo.

percebemos o uso diferente da forma lexical “aqui”, o qual será apresentado no decorrer do trabalho. Delimitamos apenas a região em que o *corpus* seria coletado, mas não delimitamos idade, formação e nem sexo dos informantes, pois, esses dados em nada influenciariam em nossa pesquisa, que visa apenas verificar as ocorrências do “Aqui”.

A escolha deste programa deve-se ao fato de que, geralmente, a interação se dá entre pessoas conhecidas, pois, para o primeiro acesso, é necessário um contato anterior para a solicitação do e-mail, ou seja, as pessoas que estabelecem uma conversa através desse site já são de alguma forma conhecidas. E quanto mais se conhece o interlocutor, mais íntima se torna a comunicação.

Como mencionado acima, as conversas são realizadas entre pessoas conhecidas e, ao iniciá-las, geralmente as pessoas seguem um padrão, ou seja, selecionam um *nickname* e chamam o interlocutor para conversar através de cumprimentos tradicionais como:

- a) Olá, Td bem?
- b) Oi

Para encerrar as conversas, as despedidas também são utilizadas como:

- c) Xau
- d) Fique com Deus!
- e) Até +

Vale lembrar que às vezes as conversas podem ser interrompidas devido a falhas na conexão, ou até mesmo porque um interlocutor saiu e esqueceu-se ou não quis despedir-se, mas a conversa pode ser retomada a qualquer momento sem a preparação inicial, ou seja, sem os cumprimentos.

Dentre os vários recursos oferecidos pelo programa, um deles é a possibilidade de o usuário escolher seu *status*, ou seja, o usuário tem a autonomia para escolher seu estado de aparecimento, se está disponível para conversar, se está ocupado (o que quer dizer que não deseja ser incomodado), se está ausente ou está invisível (quer saber quem está *online*, mas não quer aparecer); independentemente do *status* escolhido o usuário é livre para dar início a uma conversação a qualquer momento.

A seguir temos um exemplo de como o *status* aparece na tela do MSN. Na primeira tela, à esquerda temos os nomes das pessoas da lista que estão *online* e na frente do *nickname* de cada um está a cor que define o tipo de *status*, como: verde (disponível), vermelho (ocupado) e laranja (ausente).



1.3 A escrita no MSN

O texto produzido no MSN é fruto de uma produção coletiva, ou seja, é produzido por dois ou mais interactantes, onde o autor é ao mesmo tempo produtor e leitor; mas as vontades individuais prevalecem, elas são aceitas a partir do momento em que o assunto é de interesse dos interlocutores, pois, se não for de interesse de ambos não há progressão na conversa, logo não há texto.

A escrita nesse tipo de programa está mais próxima da modalidade oral do que da escrita, porque as pessoas se comportam como se estivessem numa interação face a face, com

grau de intimidade suficiente para não elaborar frases “perfeitas”⁷, apenas dizer por dizer, dizer da maneira em que as palavras surgem, sem se prender a ortografia ou a qualquer outra regra. Além da escrita livre as pessoas utilizam de todos os recursos oferecidos pelo programa, para que a interação se torne cada vez mais real.

Medeiros (2000, p.76) diz que

Textos escritos podem possuir características próximas de uma fala informal, assim como textos falados podem apresentar características mais formais. Assim as condições de produção de um determinado texto é que determinariam se ele se aproxima mais da fala ou mais da escrita. De acordo com essa perspectiva, o discurso mediado por computador ocuparia na escala contínua um lugar bem próximo da fala informal, pois possuiria muitas características normalmente apontadas como próprias da fala.

Assim a utilização da fala informal na escrita faz com que encontremos muitas abreviações no decorrer da interação, pois, essas fazem com que os usuários ganhem tempo na conversa e a tornem cada vez mais síncrona, o que resulta em um texto falado por escrito, como pode ser confirmado na passagem de Marcuschi (2005) abaixo.

Observa-se que a escrita dos bate-papos, por exemplo, tende a ser mais abreviada. Aparecem muitas abreviaturas, mas boa parte delas é artificial, localmente decidida e não vinga. Essas abreviaturas são passageiras e servem apenas para aquele momento. Mas outras se firmam e vão formando um cânone mínimo que vai sendo reconhecido como próprio do meio. Isso significa que vai sendo inegável dessa escrita a formação de novas variedades comunicativas. (MARCUSCHI, 2005, p.63)

Conforme diz Marcuschi, não existe regra para as abreviaturas, cada usuário as faz a sua maneira, mas existem algumas como “fds” (fim de semana), “kd” (cadê), “tb” (também) que já são reconhecidas no meio, sendo, assim, utilizadas por muitos usuários. É comum também nesse gênero, além das abreviações, ocorrerem variações na grafia das palavras, como: Aqui (aki), não (naum), cadê (Kadê), daqui (daki), entre outros.

Além das abreviaturas também é muito comum nas conversas dos programas de bate-papo a utilização dos *emoticons*⁸,

“palavra emoticon é a mistura de emotion (emoção) com icon (ícone). Ou seja, é revelar sentimentos através de símbolos diferenciados. Não envolve nenhuma

⁷ “Perfeitas”, aqui, é tomado como sinônimo daquilo que está de acordo com a norma padrão.

⁸ Definição retirada de: <http://www.baixaki.com.br/info/1515-curiosidades-sobre-emoticons-e-abreviacoes.htm>

profundidade filosófica, apenas é uma maneira descontraída e econômica de expressar reações em uma conversa.”

Vejamos alguns exemplos de *emoticons*. Dentre os exemplos apresentados para nós, destaca-se o que representa o “Aqui”, tema da nossa pesquisa.



Os textos produzidos no MSN não têm um tamanho definido, ou seja, não há um limite mínimo ou máximo, cada interlocutor escreve da forma que lhe for mais conveniente, não tendo que se preocupar com estruturação de parágrafos, às vezes digita-se uma frase e a envia, às vezes são períodos mais longos e assim por diante.

1.3 A estrutura da conversação no MSN

Consideramos a interação via MSN como uma conversação porque ela possui as seguintes características, segundo Modesto⁹ (s/d)

- a) Ocorre em tempo real/ sincrônico: Assim como no caso das conversações telefônicas, as conversações digitais ocorrem em sincronia, a despeito dos problemas técnicos que ocasionalmente possam ocorrer: queda de conexão, falha do software, etc.
- b) Há participação de ao menos dois interlocutores: O software MSN em suas versões mais recentes possibilita a interação de vários participantes na conversação, mas na maioria das vezes é utilizado por apenas dois usuários.
- c) Há troca/ alternância de turno: Ocorre constantemente troca de turnos, assim como na conversação face- a- face e telefônica.
- d) O envolvimento se dá numa interação centrada: Geralmente os interlocutores estão voltados para a interação, interagindo regularmente durante as trocas. Eventualmente, porém, devido às especificações do meio, pode-se realizar outras tarefas enquanto se “conversa” através do MSN (pesquisar na Internet, ler notícias, conversar com outros interlocutores, etc). (MODESTO, p.2)

⁹ Texto encontrado na internet sem indicação do ano da publicação.

Ao longo de nossa pesquisa, percebemos que a conversação via MSN também possui uma estrutura. Marcuschi (1991) propõe cinco características básicas constitutivas da organização elementar da conversação, que são:

- (a) interação entre pelo menos dois falantes;
- (b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- (c) presença de uma sequência de ações coordenadas;
- (d) execução numa identidade temporal;
- (e) envolvimento numa “interação centrada”. (MARCUSCHI,1991,p.15)

Em nosso *corpus* observamos que esses cinco elementos apareciam, pois, mesmo não sendo uma conversação face a face, o MSN é um programa que possibilita a interação dos falantes de uma forma síncrona, e na conversa estabelecida nesse programa temos claramente a sequência das ideias de forma coerente pelos falantes.

Além dessas características, notamos algo diferente na estrutura da conversação no MSN. Em todos os textos analisados tínhamos uma estrutura composta por uma abertura, através da qual os falantes se cumprimentavam, depois o conteúdo, ou seja, o assunto da conversação; e o fechamento, o fim da conversação. Essa estrutura por nós percebida já foi notada por Fávero et al. (2010), que diz:

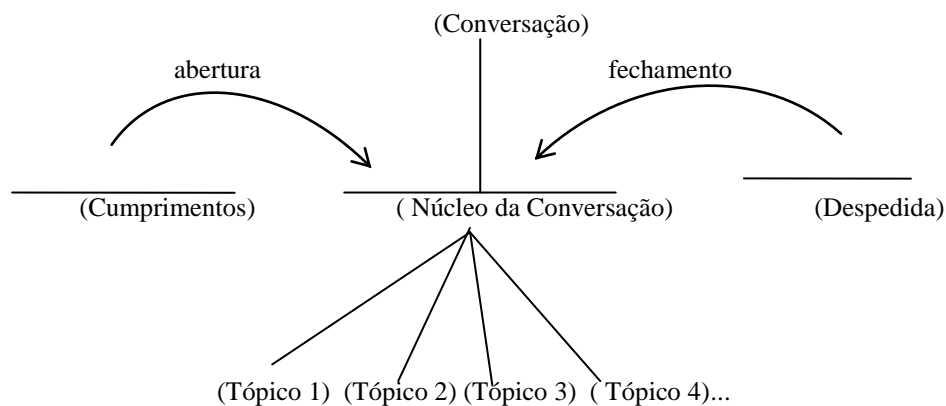
No que se concerne aos *chats* casuais que ocorrem no MSN, temos que a conversa ocorre entre amigos, que estão frequentemente em contato, seja no mundo virtual ou não, e isso tem repercussão na forma como eles conduzem a interação. Essas interações apresentam o esquema geral: abertura, desenvolvimento e fechamento. (FÁVERO ET AL. 2010, p.113)

Às vezes essa estrutura variava devido às formas de utilização permitidas pelo programa do MSN, que permite ao usuário retomar uma conversa que pode ter sido interrompida em momento anterior e, por isso, essa apareça sem a parte da abertura, pois, parte-se do pressuposto que os falantes já tenham se cumprimentado naquele dia, ou até mesmo uma falha de conexão, ou um travamento do computador, que pode fazer com que a janela da conversação seja fechada. Também encontramos conversas em que a parte do fechamento, da despedida, não aparece, esta pode também ser justificada praticamente pelos mesmos motivos da falta de abertura; o que diferencia é que às vezes um dos falantes ficou muito tempo ausente da conversa e o outro desistiu e fechou a janela, ou simplesmente esqueceu-se de se despedir.

Diferentemente, Taboada (2003) postula que a opcionalidade de ocorrência, nos textos por ela analisados, aplica-se somente ao estágio da “abertura” da conversação. A parte que materializa o encerramento da interação mostrou-se, nos dados examinados por Taboada, como de ocorrência obrigatória. Essa não foi, no entanto, a situação encontrada nos dados por nós analisados para desenvolvimento deste trabalho

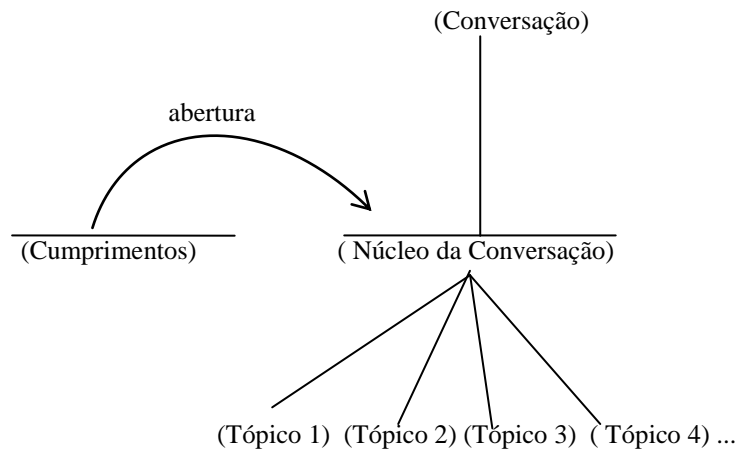
Para ilustrar como essa estrutura da conversação se estabelece na prática, mostraremos abaixo os diagramas que deixam clara essa estrutura no português, em textos de MSN. No primeiro temos uma conversação com sua estrutura completa; no segundo, com abertura e conteúdo (núcleo da conversação); o terceiro, com fechamento e núcleo da conversação ; e o quarto sem abertura e fechamento, contendo apenas o núcleo da conversação.

Diagrama 1- Estrutura da Conversação Completa

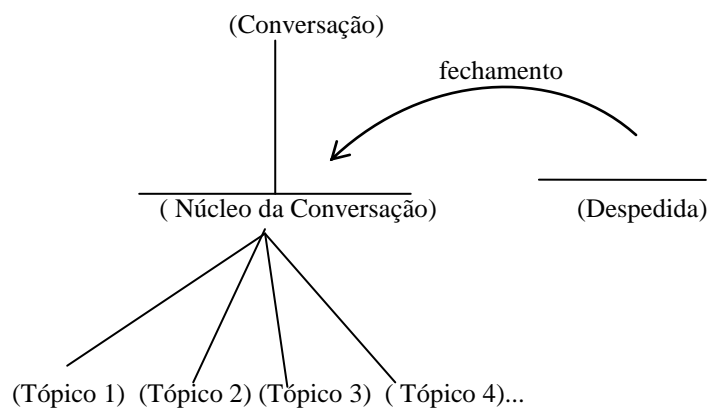


Nesse diagrama temos uma conversação completa, onde a primeira parte representa o bloco de abertura, ou seja, os cumprimentos dos interlocutores; a parte central, representando o núcleo da conversação, é composta por seus diversos tópicos discursivos; e por fim a conclusão da conversação, com o bloco do fechamento, representando a despedida dos interlocutores.

Convém lembrar que o diagrama acima e os outros dados a seguir não se referem à estrutura retórica (nos termos aqui adotados), mas aos tipos de organização que os textos conversacionais podem exibir na língua.

Diagrama 2 - Estrutura da Conversação Sem o Fechamento

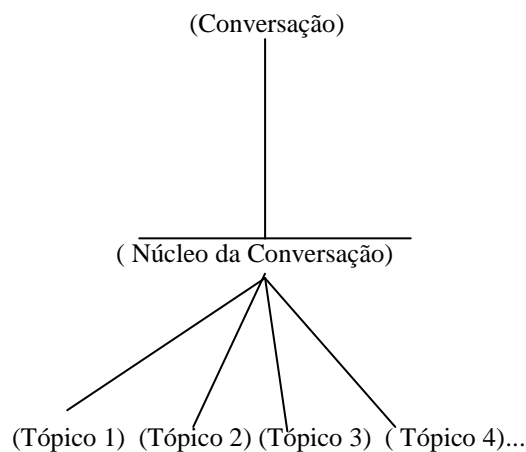
É comum na interação p MSN que as pessoas, às vezes, interrompam suas conversas, sem se despedirem. Isso pode ocorrer por vários motivos: o interlocutor ficou muito tempo ausente na conversa e, quando voltou, o outro usuário já tinha saído; falha na conexão; usuário com *status* de ocupado, ou ausente e etc.

Diagrama 3- Estrutura da Conversação Sem a Abertura

Esse tipo de diagrama é possível devido às variações permitidas pelo programa do MSN, pois ao usuário é permitido iniciar ou continuar uma conversa a qualquer instante. E quando o usuário fica *online* muito tempo, é comum que ele converse com um interlocutor, feche a janela

do programa, e mais tarde, faça outro contato, sem necessariamente cumprimentar o interlocutor, pois parte-se do princípio de que está apenas continuando um assunto, ou ainda, que já avisou que está *online*.

Diagrama 4- Estrutura da Conversação Sem a abertura e sem o Fechamento.



Essa estrutura geralmente ocorre quando os usuários já tiveram algum contato anterior, no mesmo dia, e esqueceram-se de falar alguma coisa; aí voltam a fazer um contato, dão o recado e vão embora; é como se apenas introduzissem um tópico ou tópicos na conversação anterior.

1.5 A Teoria da Estrutura Retórica e o Funcionalismo

A base teórica que serve como sustentação a esta pesquisa fundamenta-se no Funcionalismo Linguístico e na Teoria da Estrutura Retórica do texto (*Rhetorical Structure Theory- RST*), defendida pela vertente funcionalista norte-americana contemporânea.

Como já mostrado em Correia e Neto (2010), apoiando-nos no Funcionalismo Linguístico, que é uma teoria que visa entender os usos e explicar os porquês dos mesmos, levando-se em conta os fatores pragmáticos, buscamos discutir a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diversos contextos em que elas são usadas, visando garantir a interação entre os

falantes. Essa teoria tem como pressuposto básico postular que a língua desempenha funções que vão além do sistema linguístico, demarcado pelas estruturas da língua; segundo, porque as funções externas, como o propósito comunicativo dos falantes, interferem na organização externa do sistema linguístico.

Já a Teoria da Estrutura Retórica do texto surgiu do trabalho de investigação em geração automática de texto, realizado por uma equipe de investigadores do *Information Sciences Institute - University of South California*.¹⁰ Willian Mann, Sandra Thompson e Christian Matthiessen fizeram parte dessa equipe.

De acordo com Mann & Thompson (1983), Mann (1984) e Matthiessen & Thompson (1988), a Teoria da Estrutura Retórica do Texto é uma teoria descritiva que não entende o texto como uma mera sequência de frases e tem como objetivo estudar a sua organização, para identificar e caracterizar as relações que se estabelecem entre as partes do texto, bem como explicar a coerência textual. Nesse contexto, coerência caracteriza-se pelas sequências lógicas das ideias e pela ausência de lacunas, de modo que a RST vem demonstrar que cada parte do texto possui uma função específica que caracteriza sua existência. Para constatar como se dá essa coerência, a RST busca identificar, nos textos, “as proposições relacionais”, que serão aqui concebidas tal qual são tratadas por Mann e Thompson (1983) e Matthiessen & Thompson (1988), como “o significado implícito que emerge da combinação entre porções do texto, sejam elas orações ou porções maiores” (DECAT, 2008, p.2), garantindo a coerência entre essas partes, ao mesmo tempo em que constroem a rede retórica desse texto, podendo acontecer entre as partes maiores, denominadas macro-estrutura, ou entre orações, denominadas micro-estrutura do texto.

Segundo Antonio (2003) a Teoria da Estrutura Retórica do texto é aplicada principalmente para a análise de textos monológicos, mas assim como esse autor verifica a possibilidade de se empregar a teoria em textos conversacionais, faremos o mesmo neste trabalho.

A partir das proposições relacionais existentes é possível se fazer outros tipos de inferência, mas o inverso não pode ocorrer, ou seja, elas não são derivadas de inferências. As

¹⁰ Instituto de Ciências da Universidade do Sul da Califórnia

proposições relacionais não são presas aos aspectos organizacionais do texto, mas são fundamentais para que a coerência textual se estabeleça.

A teoria em questão defende dois grandes tipos de articulação das orações, a partir das relações retóricas estabelecidas entre as partes dos textos. O primeiro tipo é identificado como relações multinucleares, que consiste na existência de mais de um núcleo, isto é, orações do mesmo nível de independência; o segundo tipo é denominado relação núcleo-satélite, em que uma oração está a serviço da outra.

Conforme aporte teórico de Mann & Thompson (1983) e Mann (1984), foram identificadas aproximadamente 25 relações, mas, segundo esses autores, outras podem surgir ao longo da análise, pois, como bem afirma a teoria, o quadro não é um rol fechado de relações. Desde que se provem as restrições e intenções de novas relações, elas poderão ser estabelecidas pelo analista. Mann (2009) reuniu essas relações num quadro, do qual nossa análise vai se valer e que se encontra no ANEXO deste trabalho.

Segundo Mann e Thompson (1988), o primeiro passo para se fazer uma análise com base na RST é a divisão do texto em “unidades de informação” (*idea unit*), que, segundo Chafe (1980), são entendidas como

“jatos de linguagem” ou “blocos de informação”, que geralmente equivalem a uma oração, mas não necessariamente, podendo ser qualquer porção do texto que constitua uma unidade de informação”. (DECAT, 2010, p.233)

Após ter dividido o texto em unidades informacionais deve-se observar quais relações estão presentes entre as partes maiores e as menores. Nosso objetivo é trabalhar apenas com as relações entre as porções maiores, mas, a título de exemplificação, citaremos um trecho de uma conversa do MSN para mostrar algumas relações que ocorrem entre as porções menores. Antes disto, porém, citaremos alguns exemplos das relações retiradas de <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Essas relações são estabelecidas tendo como base quatro condições:

- a) restrições sobre o núcleo
- b) restrições sobre o satélite
- c) restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite
- d) restrições sobre o efeito

Vejam os exemplos de relações núcleo-satélite, ou seja, relações em que uma oração está a serviço da outra:

- Relação de avaliação: é uma relação onde o satélite traz uma informação positiva em relação ao núcleo;

Nome da relação	Condições de S ou N, individualmente	Condições de N+S	Intenção do A
Avaliação	nenhuma	em N + S: S relaciona N com grau de atitude positiva de A face a N.	L reconhece a relação de dependência entre a realização de N e a realização de S.

Fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Tradução de Rui Manoel Silva

- Relação de antítese: é uma relação em que núcleo e satélite se encontram em contraste.

Nome da relação	Condições de S ou N, individualmente	Condições de N+S	Intenção do A
Antítese	em N: A tem atitude positiva face a N.	N e S estão em contraste(cf. a relação de contraste); devido à incompatibilidade suscitada pelo contraste, não é possível ter uma atitude positiva perante ambas as situações; a inclusão de S e da incompatibilidade entre as situações aumenta a atitude positiva de L por N.	A atitude positiva do L face a N aumenta.

Fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Tradução de Rui Manoel Silva

A seguir, elencamos as Relações multi- nucleares, em que há a presença de vários núcleos:

- Lista: a relação onde cada parte possui valor igual não sendo uma mais importante que a outra, assim os elementos citados podem ser invertidos sem que se perca o sentido;

Nome da Relação	Condições em cada par de N	Intenção de A
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista.	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados.

Fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Tradução de Rui Manoel Silva

- Sequência: é uma relação onde os núcleos se sucedem.

Nome da Relação	Condições em cada par de N	Intenção de A
Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos.	L reconhece as relações de sucessão entre os núcleos.

Fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Tradução de Rui Manoel Silva

Essas relações podem ser representadas através de um diagrama arbóreo que vai deste as porções maiores até as menores. No decorrer do nosso trabalho faremos apresentação do diagrama das porções maiores, pois, nosso objetivo é trabalhar com a macroestrutura. Apenas para efeito de exemplificação selecionamos um trecho de uma conversa do MSN5 para demonstrar como se constitui essa análise da microestrutura e seu respectivo diagrama. Ressalte-se que os números á esquerda das estruturas referem- se ao número da unidade de informação dentre as contidas na localidade do texto; à direita das unidades de informação estão indicadas, entre parênteses, as relações retóricas que emergem entre elas. Exemplo: entre 19 e 18 emerge a relação de elaboração.

L1 diz:

17 [**AQUI...** to na academia da roseira né?

18 [outro dia vi um moço lindo andando na praça sem camisa (**18-17 elaboração**)

L2 diz:

hum

L1 diz:

kkkkkkkkkkkk

19 [o moço que bateu no seu carro (**19- 18 elaboração**)

20 [ele ta barrigudo (**20-19 sequência**)

21 [homem é sem noção (**22-21 avaliação**)

22 [barrigudo e sem camisa (**22-20 adição**)

23 [q visao do inferno (**23-22 avaliação**)

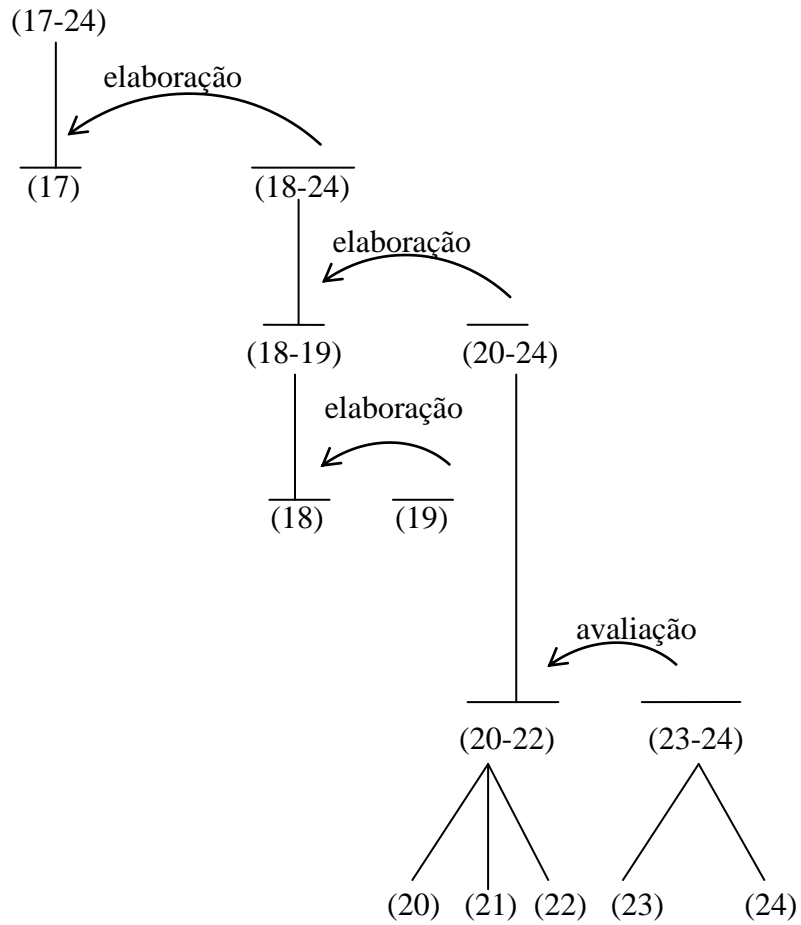
kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

L1 diz:

kkkkkkkkkk

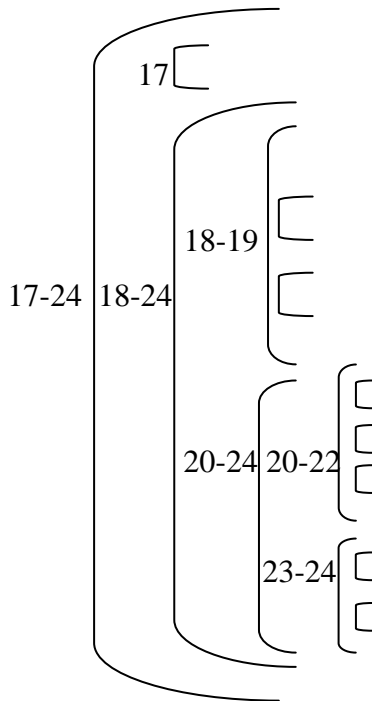
24 [éco (**24-23 avaliação**)

Diagrama 5- Estrutura Retórica (micro) do MSN5



Uma outra representação diagramática de MSN5 poderia ser como se segue:

Diagrama 5.1- Diagrama alternativo para a microestrutura do MSN5



A RST não é uma teoria que se encerra nas relações ora elencadas, ou seja, ela permite a criação de novas relações e permite também que o autor/leitor verifique qual é o grau de plausibilidade para que cada relação possa ser definida como tal. Às vezes uma mesma relação pode ter mais de uma classificação. Além disso, de acordo com Mann (1984), essa não é uma teoria que assegura a produção de um texto, mas serve aos propósitos do escritor e reconhece os meios e os fins da produção textual.

Como a teoria bem diz que as relações não se encerram no quadro proposto, ao longo de nossa pesquisa nos deparamos com uma relação retórica que não consta no quadro elencado. Sendo assim, ao observarmos que tal relação se repetia em vários textos, decidimos propor então, uma nova relação a qual chamamos fechamento, a exemplo do que foi postulado por Taboada (2003) para a caracterização da conversação ou interação face a face. É conveniente deixar claro, de antemão que a relação de fechamento é uma relação de conteúdo e, dadas as suas características opõe-se as relações de apresentação.

Em nossa pesquisa, além dos usos da forma lexical “Aqui”, também fizemos a análise da relação retórica mantida pelo elemento “**Aqui**” no contexto em que é usado, análise essa que estará fundamentada na Teoria da Estrutura Retórica do Texto.

1.6 Objetivos e metodologia

1.6.1 Objetivos

Nesta dissertação nosso objetivo geral é identificar qual a função da forma lexical “**Aqui**” no gênero textual MSN, ou seja, verificar se ela realmente possui um novo uso além daquele de advérbio locativo estabelecido pela gramática tradicional.

Nossos objetivos específicos são os seguintes:

- verificar se o “**Aqui**” perde sua função de advérbio locativo no gênero MSN;
- verificar como e em quais circunstâncias ele é empregado.
- verificar se ele pode se enquadrar em outras funções, tais como de vocativo ou de marcador discursivo com força de vocativo no gênero textual MSN;
- verificar que tipo de relação retórica ele mantém com as porções de texto com as quais se combina.

1.6.2 Metodologia

Partindo do princípio de que o objetivo deste trabalho foi verificar as ocorrências do “Aqui” no gênero textual MSN, e lembrando que este é um programa de bate-papo por computador, onde a comunicação é estabelecida quase que em tempo real, primeiramente solicitamos de algumas pessoas uma doação das conversas realizadas no MSN em forma impressa. Como já foi dito anteriormente, embora o MSN seja um programa de uso mundial, os dados foram coletados apenas na região metropolitana de Belo Horizonte, onde temos notado o uso incidente da forma lexical “Aqui” com nova função textual. De cada material adquirido, pedimos uma autorização por escrito para a utilização do mesmo.

No primeiro momento coletamos um banco de dados com 65 textos do MSN. A nossa intenção foi constituir um banco de dados qualitativo; e por isso, dentre eles selecionamos 10 textos para fazermos a análise tanto das funções textuais do “Aqui”, quanto da estrutura retórica do texto, para verificar se o “Aqui” influenciava ou não nessas relações. Todos os textos coletados foram numerados da seguinte forma: MSN1, MNS2, MSN3, e assim por diante, onde o número cardinal colocado após o sigla MSN representa a numeração dada ao texto no banco de dados do *corpus*. Os nomes dos interlocutores nas conversas do MSN também foram substituídos por codificação como: L1 e L2; os nomes de pessoas citados nas conversas foram trocados por letras como: X, Y e Z. Os exemplos citados ao longo do trabalho também foram enumerados.

Após termos selecionados os 10 textos, dividimo-los em unidades de informação, que, como já foi mencionado, são pequenas ou grandes porções de textos que constituam um bloco informacional. As pequenas porções se referem à microestrutura do texto e foram numeradas com numerais cardinais e separadas por colchetes. Logo em seguida, dividimos o texto em porções maiores, para verificarmos as relações retóricas presentes na macroestrutura. Cada porção núcleo encontrada foi numerada com algarismo romano e colocada dentro de um quadrado frente a grandes chaves com cores diversas, sendo cada porção identificada por uma cor. Os símbolos que representam os risos ou qualquer outra manifestação de sentimento momentâneo não foram enumerados, pois não os consideramos uma unidade de informação.

O próximo passo após a divisão das unidades informacionais foi apontar todas as ocorrências do elemento “Aqui” encontradas no texto, para analisarmos todas as possíveis

funções por ele desempenhadas, para ver se elas se enquadram dentro daquelas propostas por nós, ou seja: advérbio locativo, vocativo e marcador discursivo.

Após ter analisado todas as funções do “Aqui”, passamos para análise da macroestrutura do texto conforme a Teoria da Estrutura Retórica, para vermos se as ocorrências do “Aqui” encontradas com função de marcador discursivo com força de vocativo têm alguma influência na abertura ou fechamento dos tópicos discursivos.

Depois fizemos a análise da macroestrutura de todos os 10 textos, tecendo comentários sobre todos os blocos de informação encontrados. Após os comentários fizemos o diagrama arbóreo de cada texto, para podermos visualizar as relações retóricas que foram estabelecidas entre as partes. Embora não fosse nosso objetivo trabalhar com a análise da microestrutura, fizemos esta análise de apenas um dos textos para servir de exemplificação.

Como sabemos que a linguagem do MSN se aproxima muito da fala e, por isso, temos uma grande presença de abreviações, elaboramos um glossário (que se encontra no Anexo 3) para facilitar a compreensão de todos que se interessem pela leitura desses textos. Fizemos também uma tabela para mostrar o número de vezes em que o “Aqui” apareceu como advérbio e locativo e aquelas vezes em que se enquadrou nas funções por nós propostas.

2-ANÁLISE DO CORPUS E RESULTADOS

2.1 Usos e funções da forma lexical “Aqui” no MSN

Durante esta pesquisa procuramos analisar todas as ocorrências da forma lexical “Aqui” no MSN, pois, nosso interesse era mostrar em quais ocorrências ela podia ser enquadrada na antiga definição da gramática tradicional de advérbio locativo, e em quais a definição tradicional não seria capaz de explicar, pois a gramática tradicional define o advérbio locativo como:

a expressão modificadora que denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc). Ex. **Aqui** tudo vai **bem** (lugar e modo). O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda a um adjetivo, a um advérbio ou a uma declaração inteira. Ex.: **Felizmente** José chegou. (adv em referência a toda a declaração). (BECHARA, 1968, p.185),

Ou ainda,

palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade. Recebem a denominação da circunstância ou de outra idéia acessória que expressa. Ex.: **Aqui** outrora retumbaram hinos. (Raimundo Correia). (CUNHA, 1971, p.368).

Uma definição um pouco mais abrangente — a exemplo da de Bechara, dada acima — é a que se encontra em Cunha e Lindley (2001), atribuindo ao advérbio a função de modificador de uma porção maior de texto, como no caso da oração:

Advérbio é fundamentalmente, um modificador do verbo. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhe são privativas. Salienta-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração. (CUNHA e LINDLEY, 2001, p.541-542)

A partir das definições das gramáticas tradicionais aqui mencionadas é possível notar que, mesmo gramáticas diferentes, em épocas diferentes, apresentam praticamente a mesma definição e a mesma visão sobre os advérbios, ou seja, não se referem às variações que uma

palavra pode ter; assim essa definição às vezes se torna conflitante, pois, como sabemos, o que determina a função da palavra é o uso e o “contexto”¹¹ em que ela está inserida. Segundo Castilho (1990), a gramática estabelece alguns critérios para análise das classes de palavras, mas tais critérios podem apenas ser empregados em alguns elementos. Sendo assim esse autor diz que:

(...) Elementos que não atendem aos critérios tradicionais e que, no entanto, são tradicionalmente classificados como advérbio (...)
 Na prática o gramático defronta-se com inúmeros exemplos em que os critérios estabelecidos levam a classificações conflitantes; e as dificuldades da aplicação dos próprios critérios a gramática tradicional tem acrescentado as de um tratamento até certo ponto inconsequente, decorrente em grande parte da tentativa de associar de maneira constante à palavra certas propriedades que se confirmam apenas para algumas de suas ocorrências”. (CASTILHO, 1990, p.69)

Face ao que foi exposto, percebemos a relevância em investigar as ocorrências da forma lexical “**Aqui**” sob outra perspectiva, pois, como foi mencionado, a própria gramática tradicional apresenta alguns conceitos para determinados termos e classes, e, na prática, surgem outros usos, que através do conceito tradicionalista não é possível explicar. Como então definir os usos das palavras que não se enquadram na nomenclatura tradicional?

Sabemos que a função da palavra dentro da língua não é estática, podendo variar conforme o seu uso no discurso. Esta variação de usos, muitas vezes, parece ser esquecida pelos gramáticos tradicionais que, em determinados momentos, agem como se a língua fosse apenas um código escrito e a fala fosse apenas uma reprodução do código sem alterações. Mas, como é sabido, na prática o que ocorre é algo bem diferente, cada falante usa a língua de acordo com o meio em que vive e convive.

Nosso interesse consiste em analisar as ocorrências que estão além desses exemplos corriqueiros da gramática, pois nos deparamos com falares do tipo:

5- “**AQUIL..** to na academia da roseira né?”¹²

¹¹ Mesmo sabendo que existem divergências para definir o termo CONTEXTO, referimo-nos assim com o intuito de mostrar que o uso da palavra varia de acordo com o meio no qual ela é empregada.

¹² Exemplos retirados do MSN5.

6- “**AQUI** o rapaz da roseira... o L3 é ótimo mesmo.”

Quando analisávamos tais ocorrências percebíamos que estávamos diante de um novo uso dessa forma lexical “Aqui”, e que o tal uso precisava ser definido. Sendo assim, após minuciosa observação do *corpus* notamos que o elemento “Aqui”, em muitas de suas ocorrências no MSN, tem um grande poder de demarcar tópico, este entendido aqui como assunto, o qual faz parte de um processo de construção interativa. De acordo com Jubran et al. (1992),

O tópico decorre de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada num complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada uma em relação ao que falam, bem como suas pressuposições. (JUBRAN e et al. , 1992, p.361)

Assim é possível ver que o tópico/ assunto será definido de acordo com cada momento de interação vivenciado pelos interlocutores, fazendo com que cada novo tópico possa ter uma demarcação no seu início ou no seu fim, e essa demarcação é feita de forma com que o assunto se inicie ou se conclua de forma coerente.

O elemento “Aqui”, ao delimitar os tópicos, deixa clara a marca de que um novo tópico pode ser inserido devido ao término do primeiro, ou simplesmente porque resolveu-se abandonar o assunto anterior, ou ainda apenas porque se deseja mudar o foco da conversa; nestes casos a presença do marcador faz com que isso ocorra, mas sem se perder a coerência textual. Marchuschi (1991) diz que,

Os marcadores de introdução de tópico não funcionam apenas para indicar que se está passando para algo novo, mas que esta passagem tem alguma razão de ser notada (caso contrário, pode surgir a clássica pergunta: “ por que isso agora?”)”. (MARCUSCHI, 1991 p-77).

Como Marcuschi (1991) diz que a passagem de um assunto ao outro deve ser notada, no caso da forma lexical “Aqui” isto se torna claro, pois não o vemos como um simples marcador que não influencia e nem possui força sobre o dizer. O elemento “Aqui”, a nosso ver, é um marcador discursivo que se comporta, às vezes, como vocativo, pois, ao mesmo tempo em que ele marca o início ou fim de um tópico, ele atrai a atenção do interlocutor para a conversa;

é como se ele dissesse assim: *Preste atenção que eu vou falar!* Isso demonstra que o “Aqui” não é apenas um marcador, ele promove a coesão textual. De acordo com Jubran (2006),

Há marcadores discursivos que têm por função dominante promover, como nexos coesivos, a articulação de segmentos do discurso. Eles são basicamente sequenciadores e, no que diz respeito a organização tópica do texto falado, estabelecem aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechos de tópicos, em posições inter ou intratópicas. (JUBRAN, 2006, p.111)

Ao falarmos em marcadores discursivos estamos interessados em analisar aqueles que atuam no nível extra-textual, ou mais precisamente, verificar se o “aqui” realmente auxilia na interação entre os interlocutores, possibilitando a coerência textual. Segundo Valle (2000), citando Traugott,(1995), “os marcadores discursivos são elementos que atuam no nível da coerência discursiva”. Ainda segundo a autora:

o que entendemos por coerência discursiva é muito amplo, temos pelo menos dois campos bem distintos sob este termo: o campo das relações textuais e o campo das relações entre o discurso e os indivíduos. Assim, cremos ser necessário ao menos separar os marcadores que atuam no nível textual, exercendo funções de conexão, sequenciação, retomada, resumo, etc, daqueles que atuam no nível extra-textual, exercendo funções no processamento cognitivo, na interação entre interlocutores, na verificação do canal comunicativo. (VALLE, 2000,p. 108).

Vejamos um exemplo onde o “Aqui” marca o fim de um tópico e o início de outro:

(MSN11)

L1 diz:

1[**dia**

L2 diz:

2[**AQUI...** ce vai locar sua roupa na elance??? 3[pra formatura da X

L1 diz:

??

L2 diz:

4[**acho que não**

L1 diz:

5[e ela cometou com vc ... vai ter um custo de 19,00 pra cada uma de nós

L1 diz:

6[novidades???

L1 diz:

7[e seu futuro namorado??

L1 diz:

8[**AKI**...eu quero ver as fotos d dunas

L1 diz:

9[perai

A conversa transcrita foi dividida em unidades de informação, de conformidade com a definição dada em Decat (2010, p.233) com base em Chafe (1980) e explicitada no capítulo 1. Observe que na unidade 2 o elemento “Aqui” demarca o início da conversa logo após o cumprimento; já na unidade 8, o “Aqui” introduz um novo tópico, *L1 deixa de falar da locação de roupas, para falar das fotos de dunas*. L1 prossegue sua conversa sem perder a coerência devido à demarcação do “Aqui”. Na unidade 9, a conversa é interrompida pela fala de L1, *perai*, que não retoma a conversa em outro momento, ficando o texto encerrado, sem nenhuma despedida, o que é comum nesse tipo de interação.

Tomemos mais um exemplo de ocorrência da forma lexical “Aqui”. Nele ela vem finalizando a conversa com o intuito de chamar a atenção do interlocutor para despedir-se; na intenção de atrair o interlocutor é que vemos a característica do vocativo, que, segundo Bechara (2003),

Desligado da estrutura da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2ª pessoa, pois, por seu intermédio chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou a coisa a que nos dirigimos. (BECHARA, 2003, p.62)

(MSN14)

72[sábado saí com o X e a Y

73[programa família

L1 diz:

hum

L2 diz:

74[meus pais tinham ido à uma festa de casamento

75[AQUI.....

76[vou nessa

77[descansar um pouquinho

L1 diz:

78[bjo

L2 diz:

hum

79[bjs...

80[tchau...

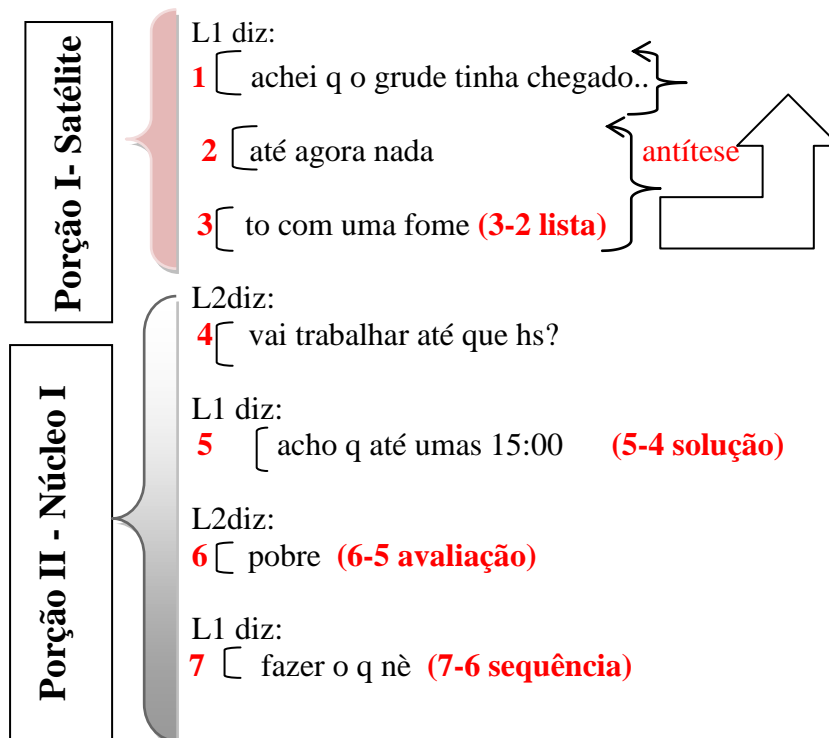
Na unidade 75, temos o elemento “Aqui” funcionando como vocativo, pois, como visto na citação de Bechara na página 32, ele vem desligado da estrutura da oração para cumprir sua função apelativa, ou seja, vem para chamar a atenção do interlocutor, e nesse caso, para dizer que está indo embora, ou seja, L2 usa o “Aqui” para atrair a atenção do interlocutor e despedir-se.

2.2 Estrutura retórica do MSN

Nesta seção apresentaremos a estrutura retórica de sete textos do MSN. Nosso objetivo é mostrar apenas a macroestrutura, pois é nela que percebemos os usos do “Aqui” funcionando como chave de abertura ou de encerramento dos blocos conversacionais; mas num primeiro momento apresentaremos a análise da micro e da macroestrutura de um texto do MSN para deixar claro que as duas análises são possíveis neste gênero, embora nosso interesse esteja na macro.

Todos os textos que serão apresentados foram divididos em unidades de informação. Além da divisão do texto em unidades de informação mostraremos o esquema arbóreo utilizado pela teoria da estrutura retórica para mostrar como as partes do texto se relacionam, desde as pequenas até as grandes partes, ou seja, os blocos de informação. Nos textos utilizamos de chaves coloridas para separar os blocos de informação e colchetes para separar as unidades de informação que foram enumeradas. Neste primeiro texto colocamos entre parênteses e escritas em vermelho as relações que observamos entre as pequenas partes, na microestrutura. Nos demais textos, como já dissemos, focaremos apenas na macro, que é nosso objetivo. Em alguns textos a análise foi feita a partir dos cumprimentos estabelecidos nas conversas, pois nem todas as conversas os possuíam, como é o caso desta interação do MSN5, e, como dito anteriormente, às vezes a conversa pode ser uma continuação de uma conversa anterior, que foi interrompida por uma falha na conexão, ou porque um dos usuários ficou ausente por algum tempo e fechou a janela, e ao retornar apenas abriu uma janela nova e prosseguiu a conversa, como se nada tivesse acontecido, ou seja, nada que pudesse deixar incompreensível sua comunicação. Vejamos a análise do primeiro texto:

(MSN5)



8 [essa mudança do estado de nf eletrônica... ta acabando comigo

9 [e ainda é so o começo (**9-8 sequência**)

L2 diz:

10 [mudança de que?

L1 diz:

11 [nota fiscal eletrônica (**11-10 solução**)

L2 diz:

hummmmmmmmmmmmmmmmm

L1 diz:

12 [em 2011 num vai mais existir nf tirada a maõ não (**12-11 sequência**)

13 [o circo ta so se fechando (**13-12 elaboração**)

L2 diz:

14 [mas deve facilitar, não? [**14-13 contraste**]

L1 diz:

15 [nem sempre (**15-14 solução**)

16 [ha controvérsias (**16-15 sequência**)

L2 diz:

hum

L1 diz:

17 [**AQUI...** to na academia da roseira né?

18 [outro dia vi um moço lindo andando na praça sem camisa (**18-17 elaboração**)

L2 diz:

hum

L1 diz:

kkkkkkkkkkkkkk

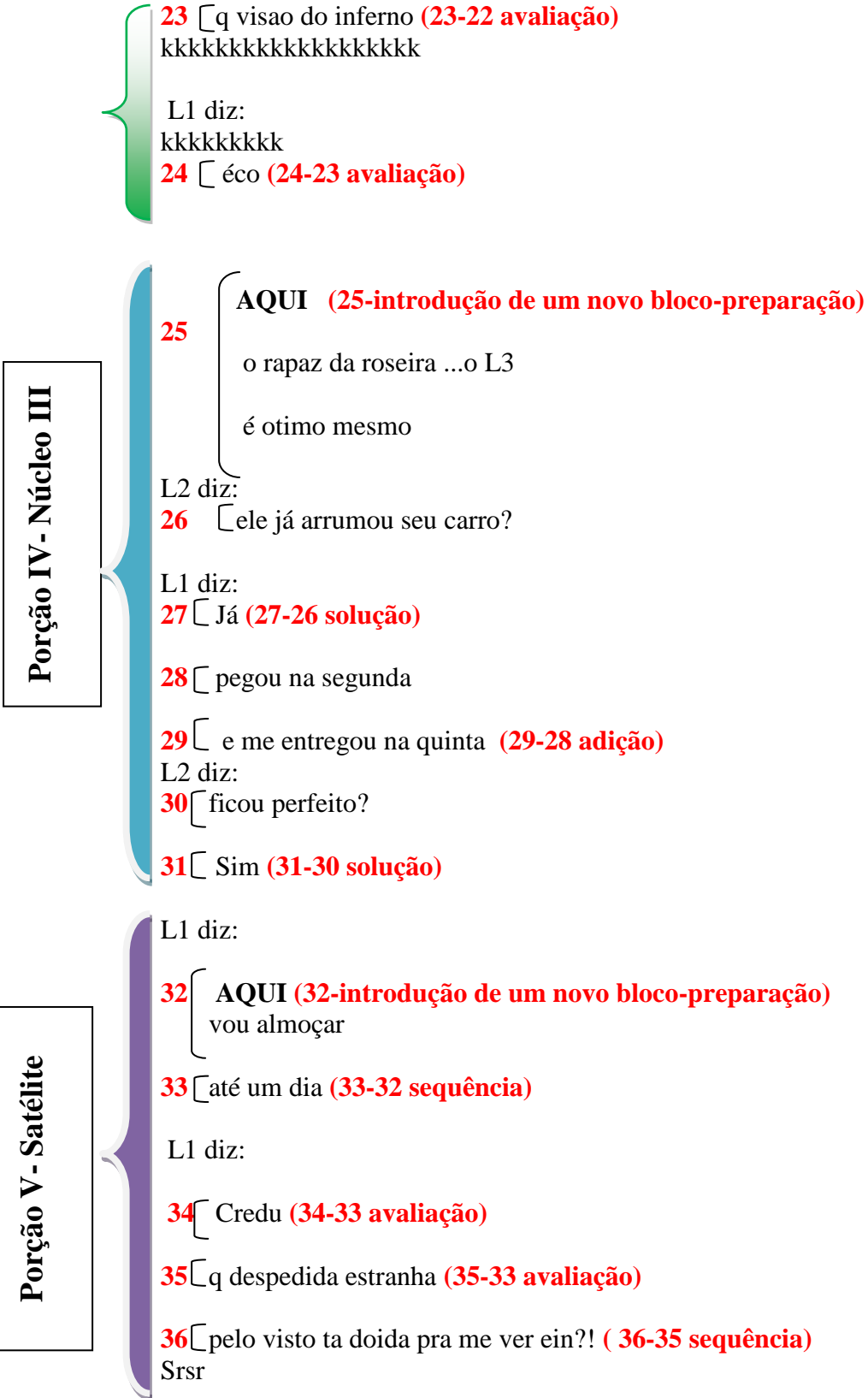
19 [o moço que bateu no seu carro (**19- 18 elaboração**)

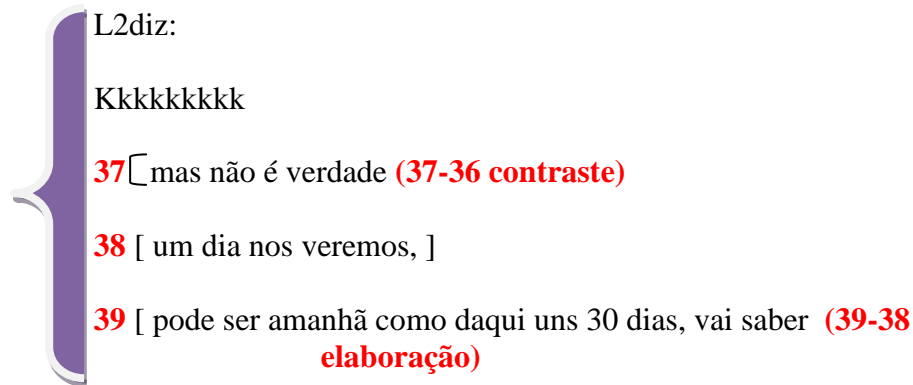
20 [ele ta barrigudo (**20-19 sequência**)

21 [homem é sem noção (**21-22 avaliação**)

22 [barrigudo e sem camisa (**22-20 adição**)

Porção III- Núcleo II

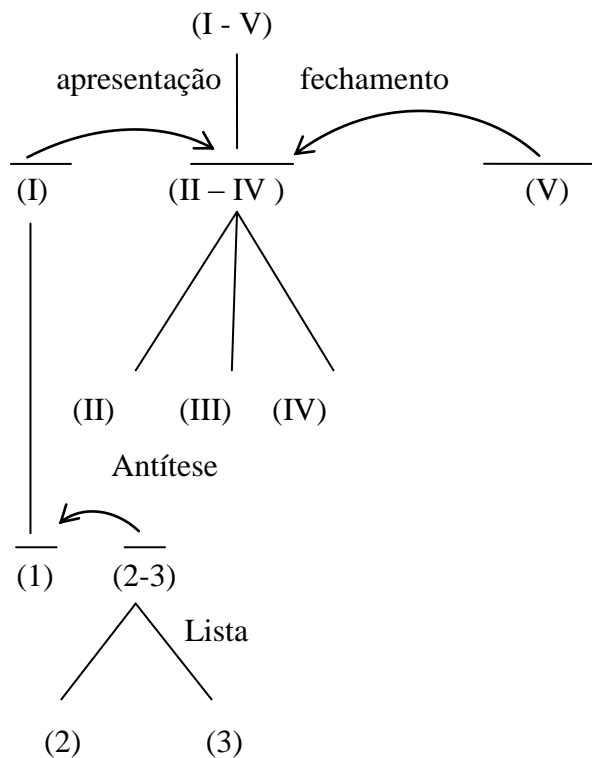




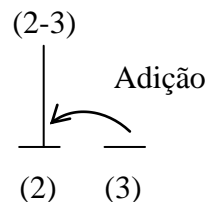
A seguir, o esquema arbóreo que representa a estrutura da conversação e que compõe a macroestrutura dessa conversa espontânea do MSN identificada como MSN 5.

Mesmo não sendo objetivo deste trabalho, incluiremos a estrutura relacional do Satélite I, a título de ilustração, uma análise que vai até o nível da microestrutura. No esquema está representada somente a subdivisão do trecho que constitui o satélite I. No entanto, comentários sobre outras relações retóricas serão feitos a seguir.

Diagrama 6- Estrutura Retórica (macro) do MSN5



O trecho correspondente a (2-3) poderia receber outra leitura, que daria origem à seguinte estrutura arbórea, pois, nesta nova estrutura está sendo considerado que a fala *to com uma fome*, está adicionando uma informação ao trecho *até agora nada*, ao invés de estar listando ações diferentes, lembrando que, de acordo com a RST, é possível se ter várias leituras de um mesmo trecho. Assim, o que se deve observar é a plausibilidade da interpretação.



O texto em questão foi dividido em 39 unidades de informação (UIs), distribuídas em cinco porções, denominadas *spans*, segundo Mann & Thompson (1983). Deixando de lado a porção inicial, que é o satélite I, e a porção final, que é o satélite II, a porção central do texto é constituída de três núcleos, caracterizando, assim, um esquema multinuclear de relações. Esse conjunto multinuclear — os três núcleos centrais — está numa relação núcleo-satélite, sendo dois os satélites (o inicial e o final). No que se refere à macroestrutura da porção multinuclear, cada núcleo corresponde a um tópico discursivo, estabelecendo entre eles a relação retórica de sequência, característica marcante da conversação, pois, nesse gênero textual, é comum a mudança de assunto sem se perder a sequenciação tópica.

A primeira porção — o satélite I — constitui-se das UIs 1 a 3 e funciona como o início da conversa. No entanto, não tem caráter de abertura da mesma, pois, neste trabalho, consideramos como abertura os satélites que trazem os cumprimentos do início da conversação. No caso do MSN, nem todos os textos possuirão tal início, pois, como explicado no decorrer deste trabalho, o próprio programa do MSN permite que as conversas sejam interrompidas, continuadas ou iniciadas novas conversas com o mesmo interlocutor, sem necessariamente ter de começar pelos cumprimentos, pois, parte-se do pressuposto de que já se cumprimentaram naquele dia.

As três porções que se seguem, que incluem os núcleos I (UIs 4 a 16), II (UIs 17 a 24) e III (UIs 25 a 31), constituem uma estrutura multinuclear, sendo que, entre esses núcleos se estabelece uma relação de sequência. Em toda essa estrutura multinuclear, os interlocutores apresentam dados adicionais sobre a situação de comunicação em que eles se encontram, na medida em que o diálogo vai se construindo. Garante-se, assim uma sequência ordenada e lógica do diálogo.

Por último, a porção V traz o satélite II, constituído pelas UIs 32 a 39, o qual demarca o fechamento das outras partes, através da despedida dos interlocutores. Esse tópico de fechamento é introduzido pelo “aqui” que, mais uma vez, demonstra sua força na demarcação dos tópicos discursivos.

Observe-se que as porções III, IV e V são iniciadas pela forma lexical “aqui”, que, em todas elas, deixa de assumir a função de locativo, defendida pela gramática tradicional e passa a ser empregada para chamar a atenção do interlocutor, ao mesmo tempo que demarca o início de uma outra porção (seja ela núcleo ou satélite) correspondente a um novo tópico discursivo, na macroestrutura textual. Esse fato já demonstra o uso diferente e inovador dessa forma lexical, nesse contexto comunicativo, isto é, no MSN.

2.2.1. Análise da microestrutura do texto MSN5

De acordo com a Teoria da Estrutura Retórica, constituem a microestrutura as unidades de informação que são materializadas nas porções menores do texto. Uma análise nesse nível objetiva identificar as relações que emergem entre as orações, com ou sem marcas textuais explícitas. A título apenas de ilustração, apresentamos a análise da microestrutura do MSN5. Ao analisar a primeira porção do texto, constituída pelas UIs 1 a 3, foram identificadas as relações retóricas que emergem entre essas unidades, a saber: entre as UIs (1) e (2 e 3), um contraste, evidenciando uma relação retórica de antítese.. Por outro lado, a UI 3 estabelece uma relação de lista com a UI 2 (o grude não chegou e L1 estava com fome).

Na porção II constituída pelas UIs 4 a 16 temos, em 5, uma solução de 4; essa solução à resposta dada por L1 gera uma avaliação de L2 na UI 6, que, por sua vez, garante a coerência textual ao ter como dados posteriores outros dois núcleos, em uma relação de sequência, entre as UIs 7 – 8 e 9. Ainda na porção II, a continuidade do diálogo entre L1 e L2 efetua-se mediante uma relação núcleo-satélite entre as UIs 11-10. Entre essas duas unidades

de informação, verifica-se uma relação de solução, quando L1 responde ao questionamento de L2 sobre a mudança de nota fiscal. Nas UIs 12-14, identifica-se uma relação de elaboração entre 13 - 12, uma vez que 13 acrescenta dados a 12, no momento em que L1 diz que o circo está se fechando. Dando continuidade à conversa, L2 apresenta um argumento contrapondo a fala de L1 e estabelece uma relação de contraste entre 14 – 13. O satélite constituído pela UI 15 apresenta uma solução para a questão apontada em 14, e, ao mesmo tempo, gera uma sequência em 16.

A porção III, demarcada pela forma lexical “aqui”, é formada pelas UIs 17 a 24, sendo o primeiro grupo de orações constituído pelas UIs 18-17. Nessa parte, constata-se uma relação de elaboração, pois L1 acrescenta uma informação nova, incluindo dados adicionais (*um moço lindo andando sem camisa*). Entre as UIs 19 e 20 também configura-se uma elaboração, pois, L1 acrescenta novas informações sobre o moço lindo (*o moço que bateu no seu carro/ ele ta barrigudo*). A UI 21 faz uma avaliação da UI 22 ao afirmar que *homem é sem noção*, pois está *barrigudo e sem camisa*, ao mesmo tempo que adiciona mais uma ideia à UI 20, que dá sequência às descrições do rapaz. Já 21 é uma avaliação de 20. O fechamento da porção II se dá mediante uma relação de avaliação nas UIs 23 e 24, em relação às UIs 20 – 22.

Na quarta porção, formada pelas UIs 25 a 31, foi identificada uma relação de preparação. Esta relação faz parte das relações de apresentação e revela o objetivo do interlocutor de fazer com que o leitor esteja mais interessado ou orientado para ler o que está no núcleo. Assim, considerando a UI 25, que vem iniciada pela forma lexical “aqui”, percebemos que L1 prepara L2 para novas informações da conversa. O “aqui”, por introduzir um novo tópico, prepara e orienta o leitor para o que vem a seguir. Evidencia-se, assim, o caráter interacional do “aqui”.

Em uma relação núcleo-satélite, a porção 27 está a serviço da 26, em uma relação de solução. Em 29, é registrada uma adição a 28, quando L1 diz que o rapaz pegou o carro na segunda e entregou na quinta. A quarta porção se encerra com uma relação núcleo-satélite entre 31-30, sendo que 31 apresenta uma solução da informação colocada em 30.

A quinta e última porção do texto— o satélite II— é formada pelas UIs 32 a 39. A UI 32 marca uma relação de preparação para o final do texto, também configurada pela forma lexical “aqui”, pois L1 anuncia a L2 o seu desejo de encerrar o diálogo. Nesta ocorrência a forma “aqui” assume um papel diferente de locativo, como na segunda porção do texto. Entre as UIs 33 e 32 estabelece-se uma relação de sequência. Já as UIs 35-34 estão ancoradas na UI

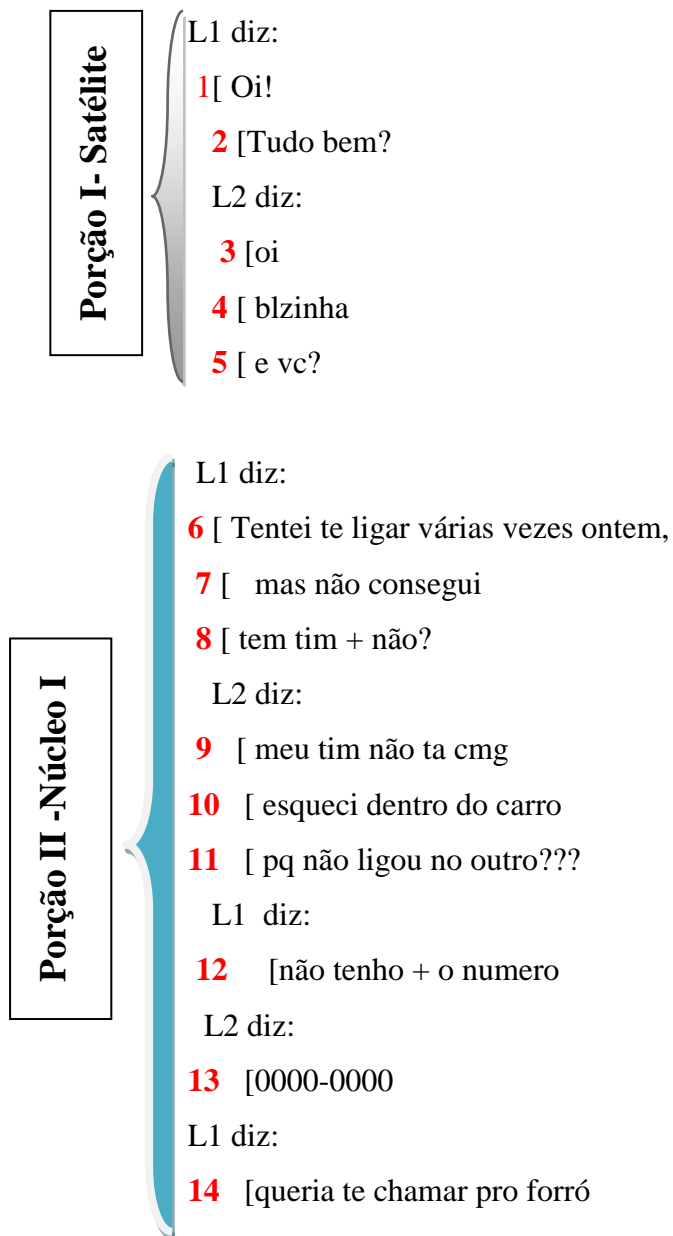
33, numa relação de avaliação. A UI 37 estabelece uma relação de contraste com 36, ao passo que 38 e 39 estabelecem uma elaboração de 36 e 37, ao mesmo tempo em que concluem a conversa entre os interlocutores.

Diante do exposto, percebe-se que a Teoria da Estrutura Retórica possibilita a identificação da coerência textual, mediante a organização das orações que constituem a conversa do MSN.

2.3. Análise da estrutura dos textos de MSN

A partir desse momento serão apresentadas as análises dos outros nove textos retirados, para tanto, do *corpus* em que se baseou a presente pesquisa. Como explicitado anteriormente, interessa-nos somente a macroestrutura do texto, para a verificação das relações retóricas que a caracterizam.

2.3.1 Análise do MSN1



Porção III- Núcleo II

15 [estava ótimo

16 [vc perdeu

L2:

17 [e eu tava **aki** em Bh

L1:

18 [vou anotar

L2 diz:

[aneim]

19 [onde vc foi??

L1 diz:

20 [na utópica

21 [bom demais

L 2 diz:

[humm] **marcador**

L1 diz:

22 [e a festa sexta como foi?

L2 diz:

23 [nunca fui lá

24 [mas dizem q é muito bom

L1 diz:

25 [é ótimo

L2 diz:

26 [tava boa

27 [sai de lá era umas 10:40 hs

L1 diz:

28 [nossa durou muito então

L2 diz:

29 [era o horário q o cantar tava parando

*¹³cantor

¹³ * **cantor**: refere se a uma correção feita pelo autor do texto, no momento da interação.

Porção IV - Satélite

L1 diz:

30 [ficou do jeito que a X queria?

L2 diz:

31 [acho q sim

L1 diz:

[hum]

L2 diz:

32 [mas na próxima vez vc me chama, viu!?

L1 diz:

33 [chamo sim

34 [se meu dinheiro desse

35 [iria todo domingo rs

L2 diz:

Kkk

36 [**AKI**, vou sair

L1 diz:

37 [ok

L2 diz:

38 [depois a gente continua

L1 diz:

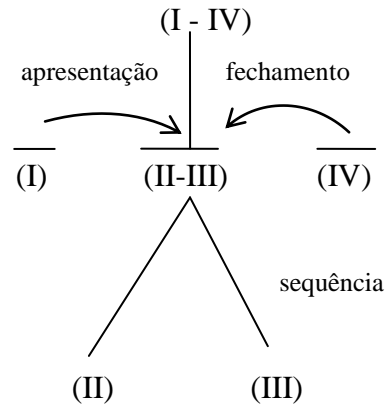
39 [bjo

L2 diz:

40 [bjim

41 [t+

Diagrama 7: Estrutura Retórica do MSN1



Ao analisarmos o texto MSN1 notamos primeiramente que ele possui a estrutura completa de uma conversação típica, ou seja, é composto por: abertura, conteúdo da conversação e o fechamento (despedida). Assim, no que se refere à macroestrutura do texto, identificamos 4 partes, as quais foram divididas da seguinte forma: a primeira parte é formada por um satélite de abertura, ou seja, é a parte da apresentação dos interlocutores por meio de seus cumprimentos, correspondendo às UIs de 1 a 5.

Na segunda parte, que abrange as UIs de 6 a 21, temos a primeira porção da conversação, onde os interlocutores iniciam a conversa falando de um forró. É interessante observar que neste núcleo, na UI 17, temos a ocorrência da forma lexical “aqui” como advérbio locativo, pois, L2 diz: *e eu tava aki em BH*, ou seja, L2 demarca o território onde estava, portanto funcionando como advérbio de lugar.

A UI 22 dá início ao núcleo II, que corresponde ao segundo tópico discursivo da conversação e que vai até a UI 35. Os interlocutores deixam de falar no forró para falar de outra festa. Como sabemos que o programa do MSN permite ao usuário inserir uma pergunta ou dizer algo mesmo antes que o outro responda o dito anterior; isso faz com às vezes tenhamos em um núcleo uma inserção do assunto anterior; mas esta inserção não prejudicará em nada o fluxo da conversação. Segundo Koch (1990),

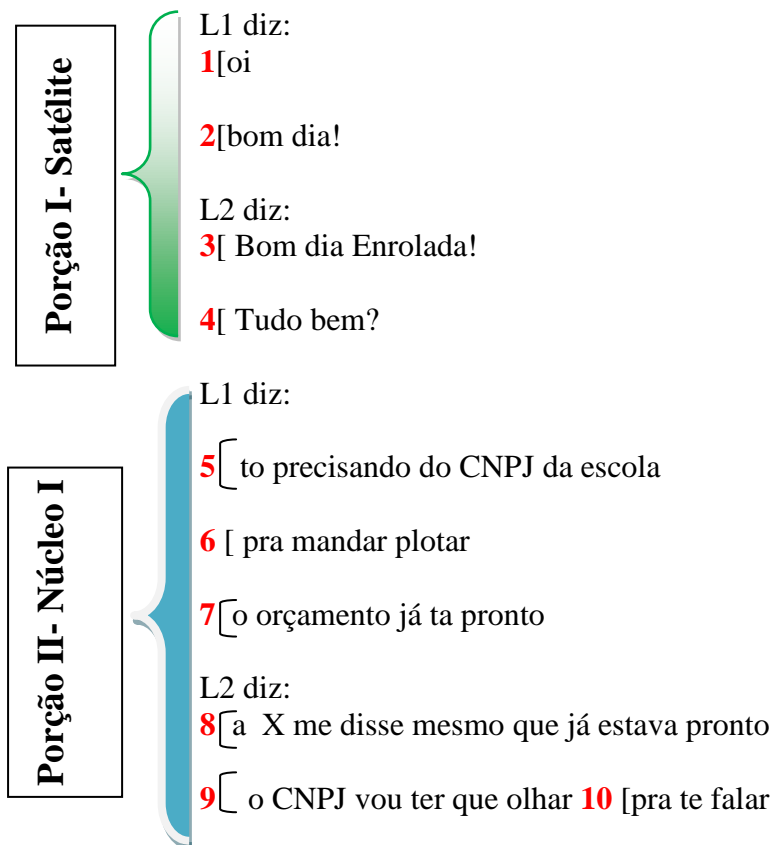
A inserção de informações paralelas e subsidiárias no tema em curso dentro da unidade discursiva pode ser:

- (1) autocondicionada, quando a iniciativa do encaixamento no tema parte do próprio falante;
- (2) heterocondicionada, quando o falante é levado a fazer o encaixe, a partir de uma solicitação do interlocutor. (KOCH,1990, p.152).

Ou seja, a inserção pode ocorrer em qualquer momento na conversação, sem necessariamente comprometer a coesão entre os núcleos, como ocorre nas UIs 19,20 e 21 (*nunca fui lá/ mas dizem que é muito bom/ é ótimo.*) em que os interlocutores fazem uma avaliação da Utópica, que está no núcleo I, embora a UI 17 já demarque o início de um novo núcleo.

A última parte do texto é formada por um satélite de fechamento do texto, onde teremos a despedida dos interlocutores correspondendo às UIs 36 a 41. O fechamento da interação é marcado pela forma lexical “aqui”, que vem chamando a atenção do interlocutor para dizer que deseja encerrar a conversa; mais uma vez temos o “aqui” em seu novo uso, que foge às regras da gramática tradicional.

2.3.2- Análise do texto MSN3



Porção III- Núcleo II

11 [não estou na escola **12** [e não sei de cor

13 [00.000.000/0000-00

14 [esqueci que tem o numero no cheque

15 [quando estiver plotado **16** [me avise

L1 diz:

17 [pois é
[so xingo q eu levo!

18 [Ok

19 [esqueci q essa semana é de folga

20 [mas **aki**, a X e eu estavamos falando de marcar alguma coisa essa semana

21 [obrigada

22 [e vc tá incluída!

L2 diz:

23 [marca **24** [e me avisa

L1 diz:

25 [pode deixar

L2 diz:

26 [sexta não posso

L1 diz:

hummm....

rsrsrsrs

27 [olha o rolo!!!

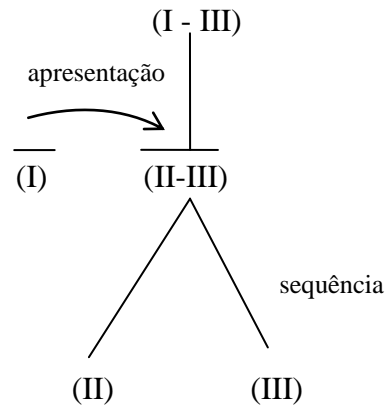
Kkkk

L2 diz:

28 [rolo não niver

L1 diz:

29 [uia
[esse tbm é bom

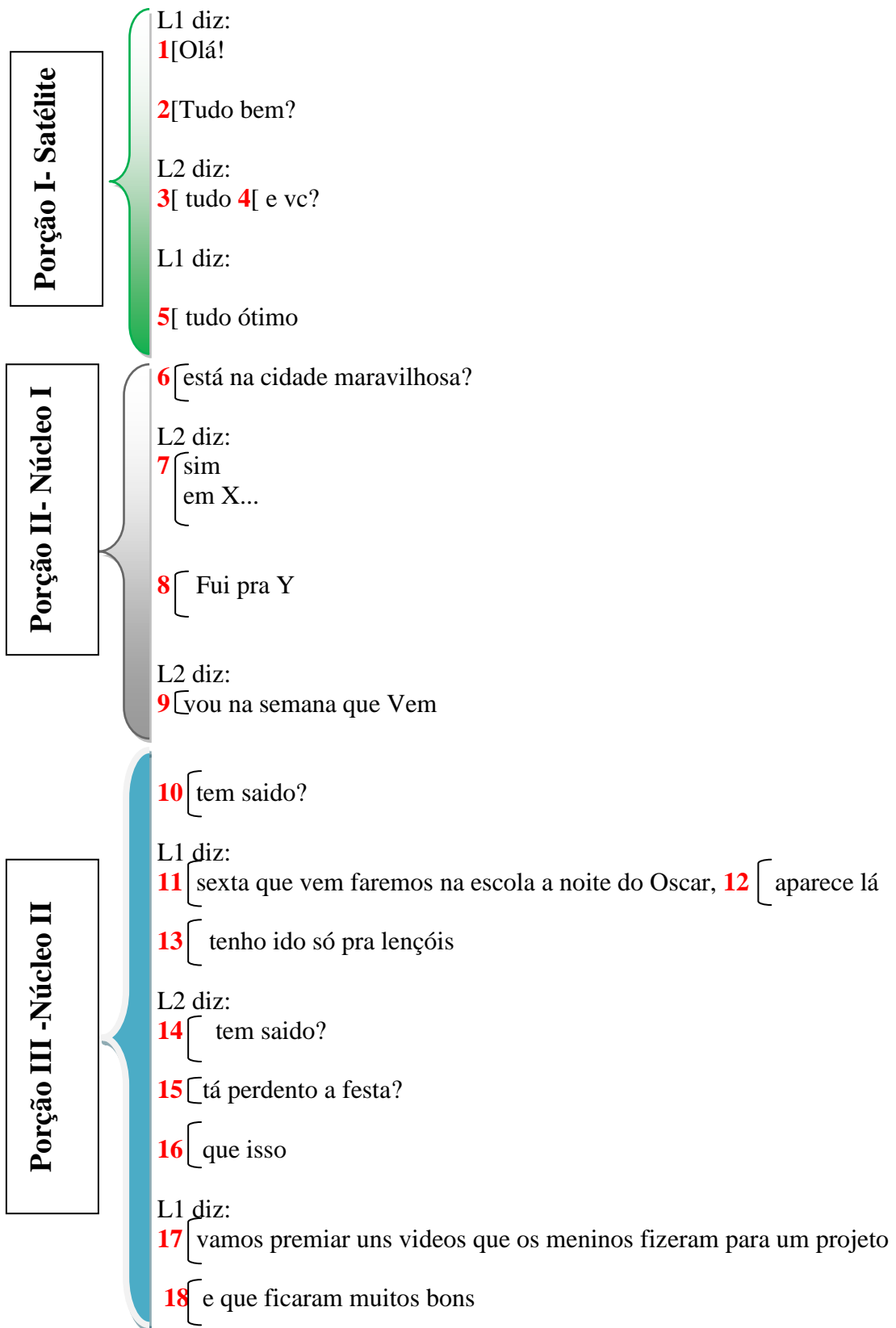
Diagrama 8 – Estrutura Retórica do MSN3

No que se refere à macroestrutura do texto MSN3, foram identificadas 3 grandes partes, sendo: a primeira, o satélite de abertura, abrangendo as UIs 1 a 4; a segunda parte, o primeiro núcleo composto pelas UIs de 5 a 19, onde os interlocutores conversam sobre a plotagem de um projeto. A última parte, que corresponde ao último núcleo e equivale às UIs de 20 a 29, é iniciada pela conjunção “mas” juntamente com a forma lexical “Aqui” que tem a função de marcador discursivo para introduzir um novo tópico discursivo, que será percorrido dentro da porção II, deixando completamente fora de foco o núcleo I, ou seja, o “Aqui” demarca claramente o início de um novo tópico discursivo sem perder a coerência textual, pois numa conversação, seja ela oral ou escrita, é comum a diversidade de tópicos discursivos. Essa demarcação de tópico ocorre devido ao auxílio da conjunção *mas* que ao mesmo tempo que, contrasta a porção anterior, através da mudança de assunto, dá forças ao marcador “Aqui” para introduzir o novo tópico.

Entre as porções II e III há uma relação multinuclear de sequência, onde os interlocutores mudam de assunto, mas mantêm a sequência da conversação, garantindo a coerência textual.

Este texto não possui o satélite de fechamento devido a uma das características do programa MSN, que permite ao usuário interromper a conversa a qualquer momento, até mesmo sem despedir-se. O que acontece também às vezes é que os interlocutores interrompem a conversa por algum motivo pessoal, e quando um retorna, seu interlocutor não está mais *online*.

2.3.3- Análise do MSN4



L2 diz:

19 [aqui tb tem trezena

L1 diz:

20 [pois é estou velha

21 [e tem festa?

L2 diz:

22 [isso é muito bom

23 [sim
[menor que a daí

24 [mas, muito boa

L1 diz:

25 [pior é impossível
kkkkkkkkkkkkkkkk

L2 diz:

26 [shows todos os dias

27 [nem é ruim, **28** [mas, é menor

L1 diz:

29 [eu graças a Deus não fui nem um dia

L2 diz:

30 [O X veio pra cá na semana passada

31 [eu Fui no 1º domingo, digo trinta e um

L1 diz:

32 [estava bom?

L2 diz:

33 [Demais

34 [diz que vai voltar

L1 diz:

35 [que bom, **36** [se tivesse ido na daqui duvido **37** [que diria isto

Porção IV - Núcleo III

L2 diz:

38 [pessoal diferente

39 [mas, eu queria estar ai esse fim de semana

L1 diz:

40 [Pra que?

41 [fica aí com a namorada 42 [que com certeza será bem melhor

L2 diz:

43 [pra ver o pessoal conhecido

44 [apesar que conheço muita gente **aqui**

45 [faz bem

46 [acadei de lhe mandar um e-mail lindo

47 [depois dê uma olhada

Porção V - Núcleo IV

L1 diz:

48 [**aqui** é melhor sair em dia que não tem festa, 49 [é menos arriscado,
50 [pois a gente recebe cada visitante

51 [vou olhar

52 [esse grande homem existe só na mensagem, né?

L2 diz:

53 [é verdade

L1 diz:

54 [que pena!

L2 diz:

55 [mas, se fantasiar

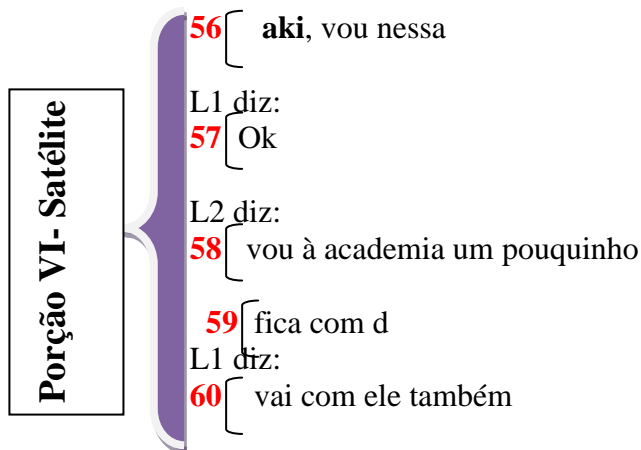
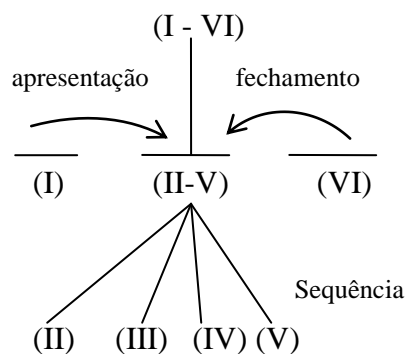


Diagrama 9- Estrutura Retórica do MSN4



Antes de começarmos a análise do texto, gostaríamos de pontuar alguns esclarecimentos sobre essa conversa para facilitar o entendimento do leitor. Os interlocutores conversam sobre festas que, em determinados momentos, parecem ser uma única festa; porém, trata-se de uma festa que ocorre na cidade em que L1 está e outra na cidade em que L2 está, mas ambas comemoram a mesma coisa, ou melhor, o mesmo padroeiro, por isso na UI 19 L2 diz : *aqui tb tem trezena*, pois, já era do conhecimento de ambos que na cidade de L1 tem trezena, por isso a necessidade de L2 confirmar o fato comum entre as cidades.

Começando a análise do texto, notamos que ele possui a estrutura completa da conversação: abertura, conteúdo e fechamento, sendo as UIs de 1 a 5 responsáveis pelo satélite de abertura, a apresentação dos interlocutores.

As porções II, III, IV e V formam um grande núcleo composto por núcleos menores (I, II, III IV) que estabelecem entre si uma relação multinuclear de sequência.

O primeiro núcleo, que vai da UI 6 a 9, tem como tópico discursivo a localização dos interlocutores no tempo e espaço, pois L1 deseja saber onde L2 está, e L2, após responder o local em que está, diz quando vai para o outro local.

No núcleo II, formado pelas UIs 6 a 50, temos o detalhamento das festas que foram contextualizadas no primeiro parágrafo da página 52. No decorrer deste núcleo tivemos duas ocorrências da forma lexical “aqui”. Vejamos:

UI 19- **aqui** tb tem trezena.

UI 44- apesar que conheço muita gente **aqui**.

Nessas duas ocorrências, o elemento “aqui” cumpre seu papel de locativo defendido pela gramática tradicional. Também no núcleo III, temos mais uma ocorrência do elemento “Aqui” como locativo, como vemos a seguir:

UI 48- **aqui** é melhor sair em dia que não tem festa.

O núcleo III, UIs 46 e 47, é uma inserção parentética, segundo Koch(1990).

As parentéticas têm sido classificadas como frases independentes, que interrompem temporariamente a sequência sintática de uma outra frase na qual se inserem, sem apresentarem em relação a ela uma conexão formal nitidamente estabelecida. (KOCH,1990,p.153)

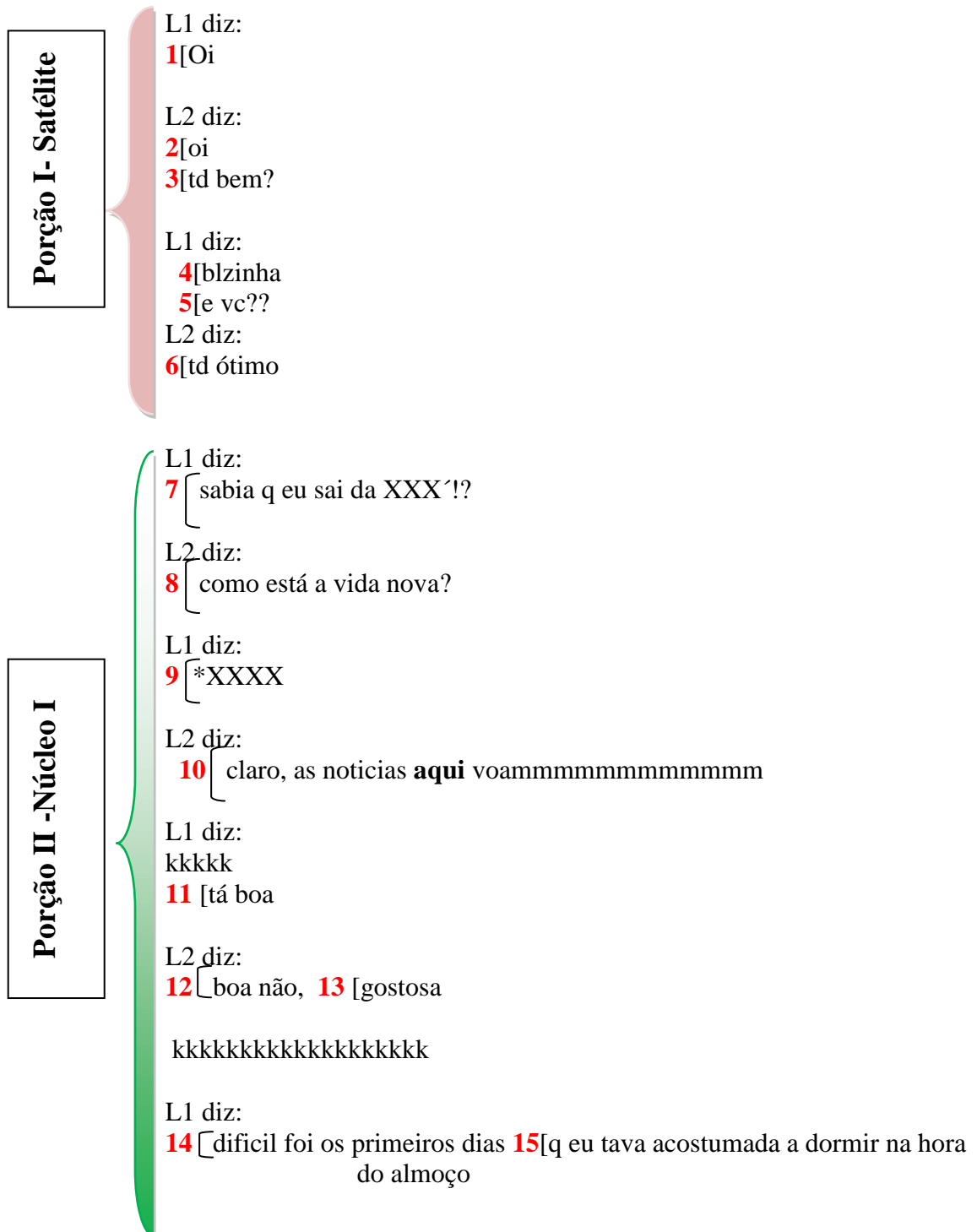
Esta definição é claramente aplicável ao núcleo III, pois L2 interrompe sua fala sobre a festa para falar de um email e logo na UI 48 retoma o tópico discursivo do núcleo II, que continua nas UIs 49 e 50; as UIs 41 a 55, embora estejam dentro do núcleo II, são uma inserção de comentário ao pequeno núcleo II. É bom ressaltar mais uma vez que essas alternâncias são possíveis considerando as características da conversação.

A conversa chega a seu fim, com o satélite de fechamento, sendo este marcado pela forma lexical “Aqui” que, como bem temos visto, possui o caráter de demarcador de tópicos discursivos.

Se observarmos a UI 56: *aki vou nessa*, é possível notar claramente a nova função para o “Aqui” por nós proposta neste trabalho, a de vocativo, pois, além de demarcar o início de um novo tópico, o “Aqui” cumpre sua função apelativa de 2ª pessoa, atraindo a atenção do

interlocutor, e promovendo, assim, uma interação entre ambos, o que não ocorre como visto nas UIS 19, 44 e 48, onde o elemento “Aqui” funciona como locativo, situando o interlocutor no espaço.

2.3.4 Análise do MSN6



aff.....
 kkkkkkkkkkkkk

L2 diz:
 kkkkkkkkkkkkkkk
 16 [só vc

L1 diz:
 17 [mas é mesmo

18 [dormia meia hora todo dia
 rrsrsrs

L2 diz:
 19 [engordou quantos kg?
 Kkkkkkkkkkkkkkkkk

L1 diz:
 20 [nada

L2 diz:
 21 [amém

L1 diz:
 22 [amem mesmo

23 [nem posso engordar

L2 diz:
 kkkkkkk

L1 diz:
 24 [vc ri né!?

L2 diz:
 25 [claro, chorar e que não pode

L1 diz:
 afff....

Porção III- Núcleo II

L2 diz:
 26 [vc está morando com a X, né?

27 [viu como sei!

Kkkkkkkkkkkkk

L2 diz:
 28 [Credo

29 [o povo da noticias mesmo

L 2diz:

30 [e como dá

L1 diz:

31 [mas quem te contou deve ter sido a Y

L2 diz:

32 [que vc esta morando com a X sim, **33** [que vc saiu a Z

L1 diz:

hum

34 [a Z fez uma cara pra mim na hora q contei q tava saindo

35 [vixe

L2 diz:

36 [e vc está ligando?

L1 diz:

37 [nem um pingo

L2 diz:

38 [que bom

L1 diz:

39 [até parece q ia crescer lá

L2 diz:

40 [só se vc pra frente ou pros lados

L1 diz:

41 [a menina q entrou no meu lugar é q tá num rolha só

L2 diz:

Kkkkkkkkkkkkkk

L1 diz:

afff.....

L2diz:

42 [Ô língua

Porção IV - Satélite

L1 diz:

43 [**AKI**, to saindo

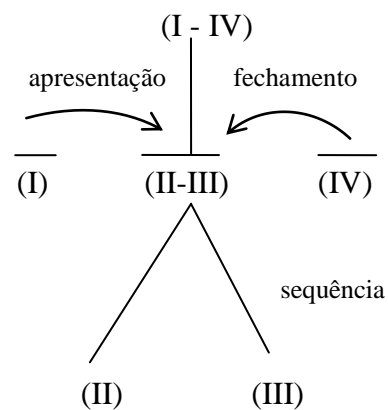
44 [depois a gente conversa

L2 diz:

45 [até +

L1 diz:
 46 [Bju
 L2 diz:
 47 [Bjo
 L1 diz:
 48 [t+

Diagrama 10- Estrutura Retórica do MSN6

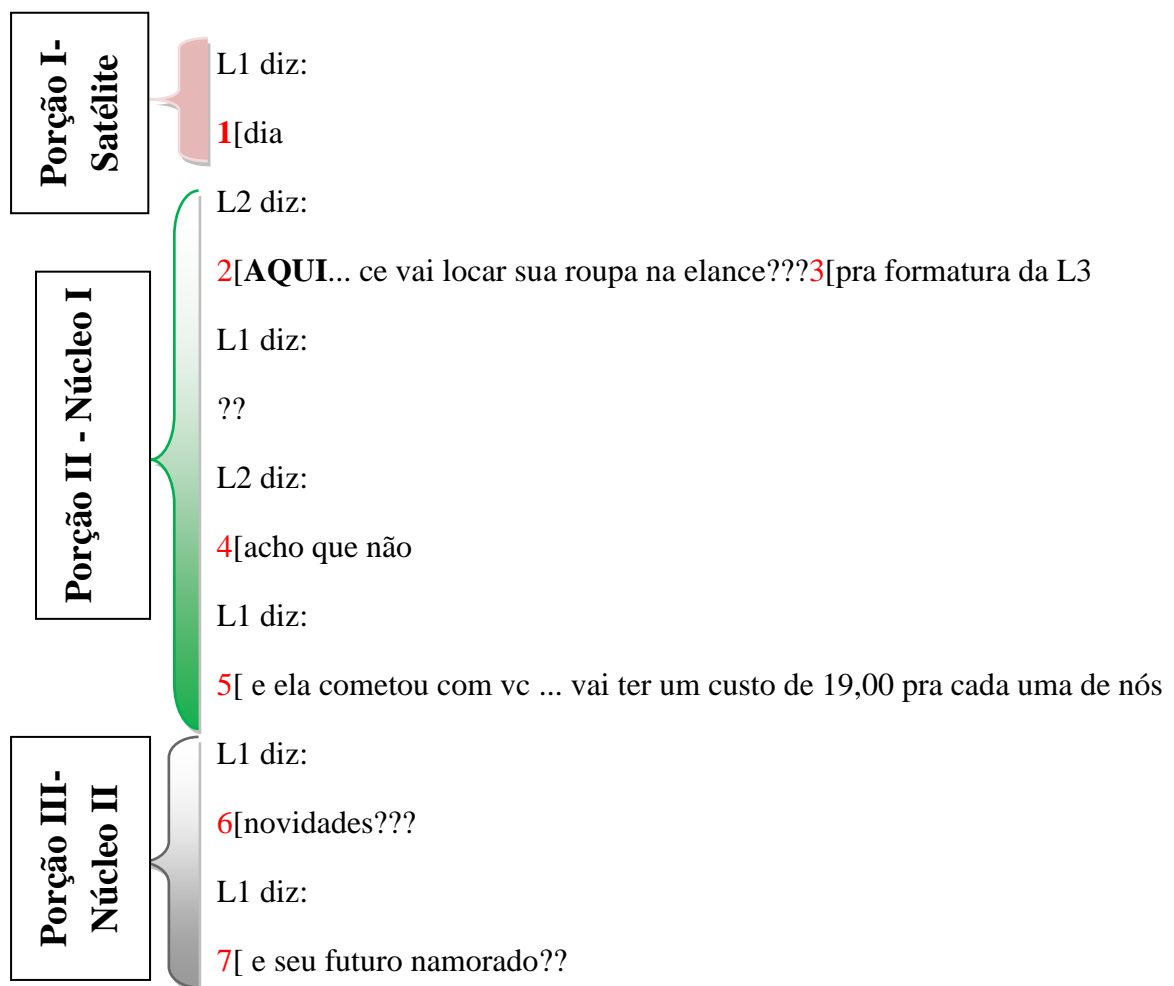


No que se refere à macroestrutura, o texto MSN6 manteve a estrutura canônica da conversação: abertura, conteúdo e fechamento, sendo as UIs 1 a 6 responsáveis pelo satélite de abertura, onde se tem os cumprimentos dos interlocutores.

O texto ao todo é composto por 4 porções, sendo a primeira delas o satélite de abertura, já citado. A porção II, que abrange as UIs 7 a 25, contém em sua UI 10 a palavra “Aqui” com função de locativo, pois L2 a emprega para demarcar o local de onde está falando (*claro, as notícias aqui voammmmmmmmmmm*). Na porção III, UIs 26 a 42, temos uma sequência da porção II, pois, entre as 4 porções que compõem o texto, as porções II e III correspondem ao núcleo da conversação, existindo entre elas uma relação retórica multinuclear de sequência.

Por fim, temos a porção IV que corresponde ao satélite de fechamento, UIs 43 a 48. Esse fechamento ou encerramento da conversa vem fortemente marcado por um vocativo, representado pela forma lexical “Aqui”, que deixa de exercer aquela função de locativo estabelecida na UI 10, para desempenhar um novo uso, uma nova função, marcar com clareza o chamamento que L1 faz a L2 para despedir-se da conversa. Como foi possível observar nas análises, o uso da forma lexical “Aqui” como vocativo no satélite de fechamento é algo recorrente, o que nos mostra que vários usuários, utilizam essa forma com caráter finalizador em seus textos. Pode-se dizer que o elemento “Aqui” é um marcador da relação de fechamento.

2.3.5 Análise do MSN11



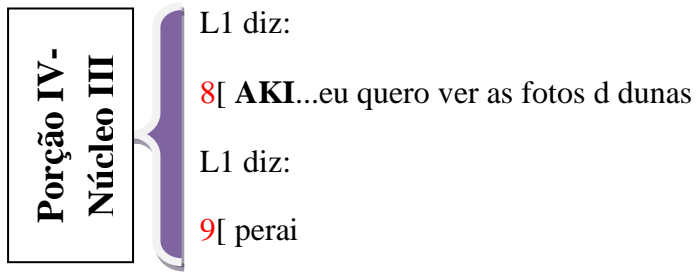
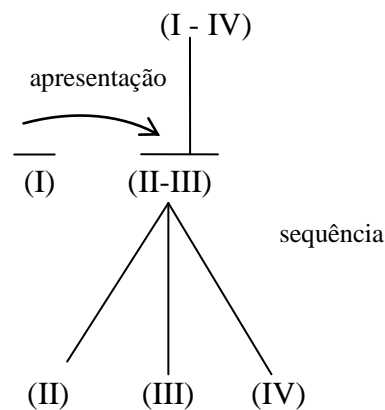


Diagrama 11- Estrutura Retórica do MSN11



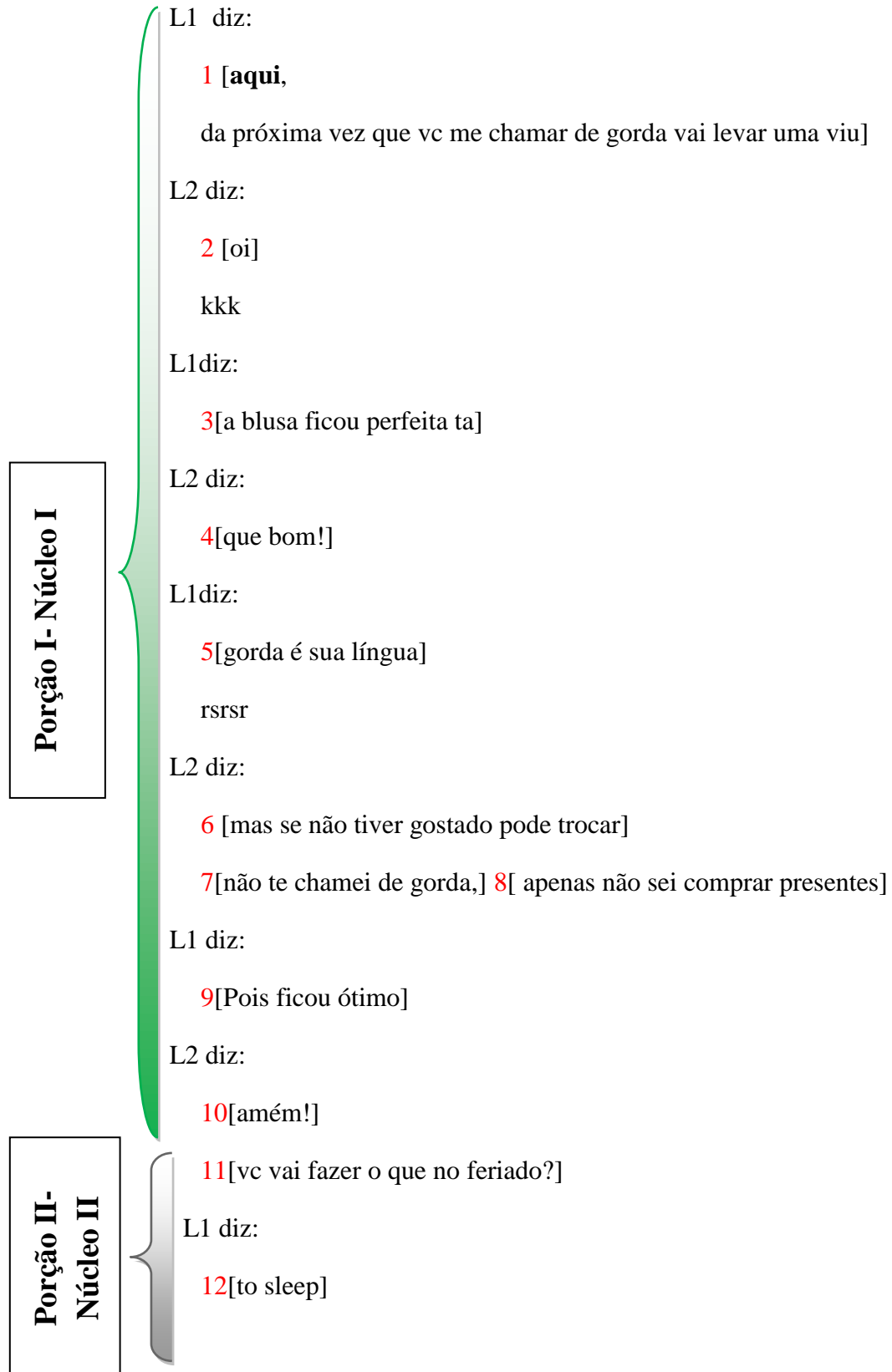
Este texto, diferentemente do texto MSN6 analisado anteriormente, não exhibe a estrutura canônica da conversação, pois não possui o satélite de fechamento, o que é possível neste tipo de conversação, devido às permissões do programa MSN, já explicitadas em capítulo anterior.

O texto é formado por 4 porções, sendo a primeira representada por um pequeno satélite de abertura, pequeno porque L1 cumprimenta, mas L2 não responde ao cumprimento; ao invés de responder ele utiliza a forma lexical “Aqui” para começar o assunto, ou seja, utiliza o elemento “Aqui” como um vocativo introdutor de tópico, que, ao mesmo tempo que chama L1, introduz o primeiro tópico discursivo da conversação, formando assim o primeiro núcleo.

Na porção III, L1 introduz um novo tópico que dá origem ao núcleo II, estabelecendo uma relação de sequência com o núcleo I, assim entre os núcleos I, II e III há uma relação multinuclear de sequência.

A porção IV (núcleo III), assim como a porção II, tem seu tópico discursivo introduzido pelo elemento “Aqui” com função de vocativo; L1 chama L2 para depois fazer a solicitação: *AKI...eu quero ver as fotos d dunas*, logo após L1 pede para L2 esperar, mas não retorna a conversa, o que faz com que o texto não tenha o satélite de fechamento.

2.3.6 Análise do MSN10



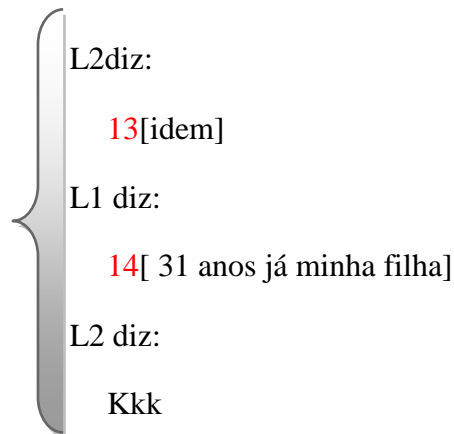
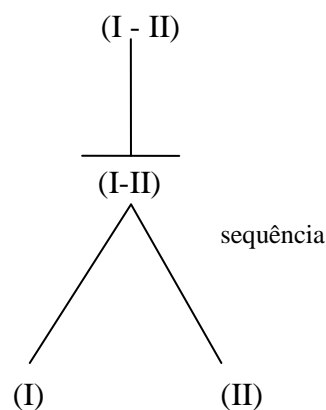


Diagrama 12 – Estrutura Retórica do MSN10



O texto MSN10 apresenta uma estrutura diferente da dos demais textos analisados e pesquisados que estão no Anexo. Ele foge completamente à estrutura canônica da conversação de — abertura, conteúdo e fechamento —, pois ele não possui o satélite de abertura e nem o de fechamento, o que pode ocorrer, como já justificamos anteriormente, devido às convenções do programa MSN.

Assim, a primeira parte do texto é formada pelo núcleo I (UIs 1 a 10), que vem introduzido pela forma lexical “Aqui” com função de vocativo introdutor de tópico discursivo. É interessante observar que, embora não haja o núcleo de abertura, L1 utiliza o vocativo “Aqui” como forma de atrair seu interlocutor, ou seja, não cumprimenta, mas demarca que está dando início a uma conversa. O núcleo II é composto pelas UIs 11 a 14, onde, dentro da mesma fala, ou do mesmo turno, L2 dá início a um novo tópico discursivo, e

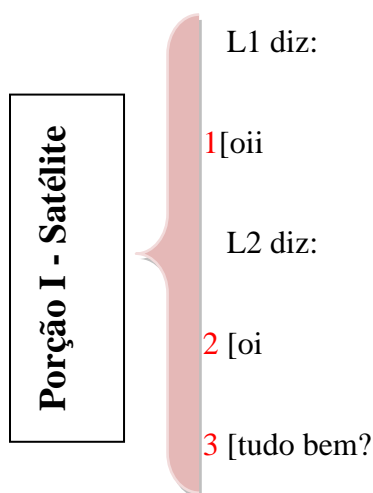
logo em seguida a conversa é interrompida sem o fechamento. Mesmo sem os satélites de abertura e de fechamento o texto apresenta um processo de interação eficaz e coerente, e as duas porções estabelecem entre si uma relação multinuclear de sequência representada pelos núcleos I e II.

O caráter de demarcador de tópicos ocorre também com outros marcadores como o *agora*, analisado por Risso (2006), que diz que:

A atuação discursiva de *agora* permite detectar seu estatuto funcional de estruturador textual que promove a abertura de tópico, ou o seu encaminhamento. (RISSO, 2006, p.435)

Diferentemente do marcador “Aqui” que encontramos demarcando a abertura ou o fechamento de tópicos, a autora diz não ter encontrado o *agora* com registro de fechamento. Mesmo não ocorrendo esse registro consideramos interessante observar que as variações de funções estão ocorrendo com outros marcadores, o que torna mais eficaz nossa análise do marcador “Aqui” com função de vocativo e introdutor de tópico discursivo, que funciona também como um estruturador textual, que não está ali por acaso, e sua exclusão tiraria o efeito e a intenção do ato conversacional.

2.3.7 Análise do MSN9



Porção II - Núcleo I

L1 diz:

4 [bom e bonito!

5 [e vc como etsa?

L2 diz:

6 [e modesto,rs

7 [destruída

L1 diz:

8 [pq?

9 [foi no trevo ontem?

L2 diz:

10[fui pro Trevo cheguei as 5 11[dormi até as 7 e 12[trabalhei até as 19

13[ontem achei ótimo

14[vc tinha razão, lá é legalzinho sim

L1 diz:

15[é sim.. te disse

16[fui no bicho de pe

L2 diz:

17 [estava bom?

L1 diz:

18[nao

19[o som estava uma porcaria..

20[a malinha q eu levei quis ir embora no meio do show

21[e so tinha 2 pessoas no bar pra atender mais de 700 pessoas q
estavam entupindo aquele lugar

L2 diz:

22 [+ fiquei sabendo que lá é pequeno pra show do bicho de pé

23 [sou namorada não gosta de forró?

L1 diz:

24 [q namorada q

25 [nao tenho namorada

26[ta doida

rs*

L2 diz:

27[eu não

28[o trio Zefa é muito bom

Porção III - Núcleo II

29[vc vai viajar no reivollon?

L1 diz:

30[eh otimo

31[vou nao

32 e vc?

33[meu chefe ja mandou e-mail o vamos trabalhar

34[e vc?

L2 diz:

35[resolvi ir pra Caraivas com minha prima

L1 diz:

36 [a q otimo

37[aproveite mto

38[o escravo **AQUI** vai ter q trabalhar muito

L2 diz:

39[pretendo

40[que pena

Porção IV - Satélite

L1 diz:

41[**AQUI**.. tou indo prum casorio de um amigo

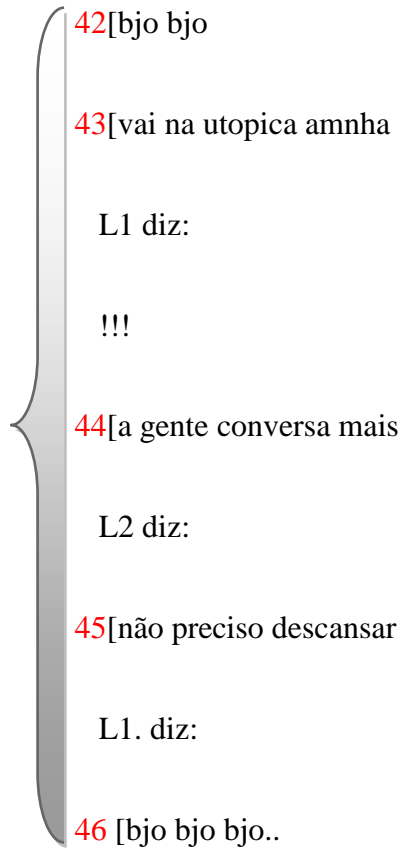
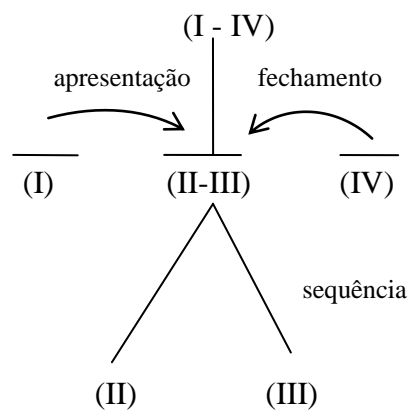


Diagrama 13- Estrutura Retórica do MSN9



Ao analisarmos o texto MSN9, o primeiro fator observado foi a sua estrutura, pois tínhamos o interesse em saber se o texto possuía a estrutura canônica da conversação e se

alguma parte desta estrutura era iniciada, marcada, pela forma lexical “Aqui”, exercendo a função de marcador discursivo ou vocativo. Assim, prosseguimos a análise.

Notamos que o texto possuía a estrutura completa da conversação, sendo esta composta por 4 porções, as quais foram divididas em 46 unidades informacionais.

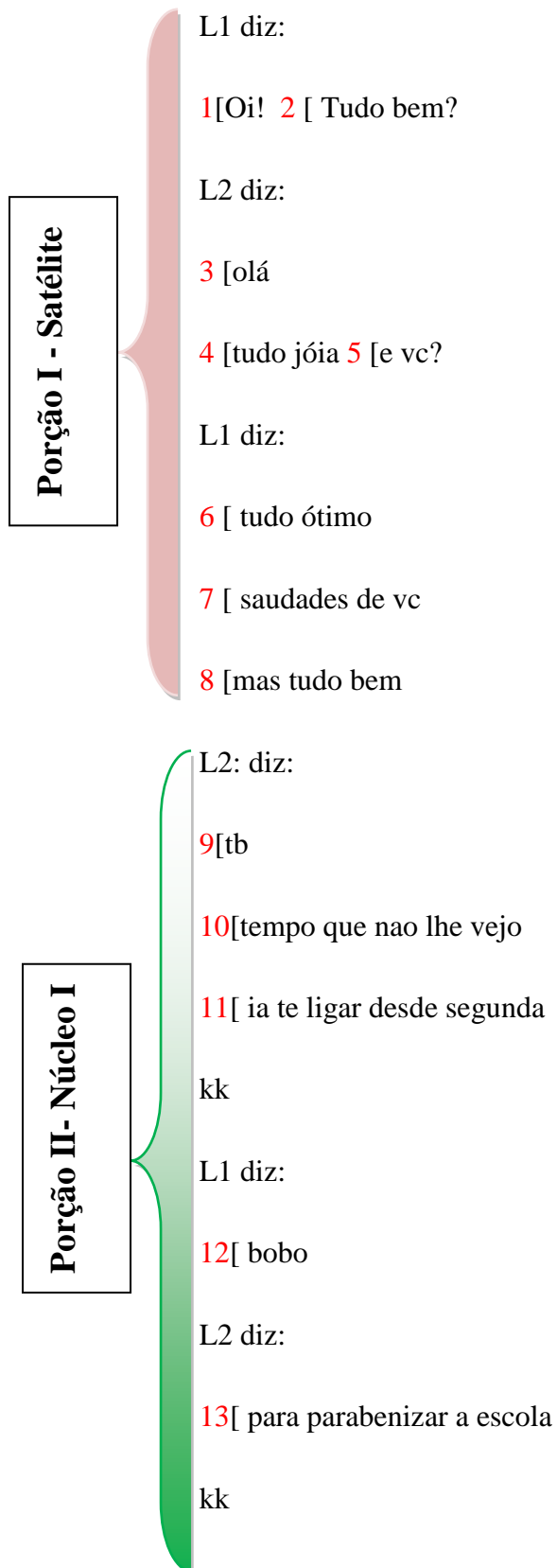
A primeira porção corresponde ao satélite de abertura e, é composta pelas UIs 1 a 7, onde os interlocutores tecem cumprimentos tradicionais.

A segunda porção, que representa o primeiro núcleo do texto — e que dá início a relação retórica multinuclear de sequência, que será estabelecida entre os núcleos I, II e III— é formada pelas UIs 8 a 28; nessa porção os interlocutores conversam sobre shows e fazem uma avaliação dos mesmos.

Na porção III, núcleo II, temos a introdução de um novo assunto: os interlocutores deixam de falar dos shows e passam a conversar sobre viagem no *reiveillon* ; essa conversa se estabelece de uma maneira coerente em toda a porção que vai da UI 29 a 40, sendo que na UI 38 (*o escravo AQUI vai ter q trabalhar muito*), há uma ocorrência do elemento “Aqui”, que não está cumprindo a função tradicional de locativo, mas pode ser identificado como um dêitico focalizador e/ou enfático.

A conversa chega ao seu final na porção IV, onde L1 interrompe o assunto anterior, mas sem perder a coerência, e esta é garantida através da forma lexical “Aqui”, que vem exercendo a função de vocativo, para atrair a atenção de L2 e dizer ao mesmo que precisa sair. Observe a diferença de uso do elemento “Aqui” na UI 38 e na UI 41 (*AQUI.. tou indo prum casorio de um amigo*); é evidente que ele exerce funções diversas, e que em 41 ele também não pode ser denominado como circunstanciador temporal, pois ele perdeu suas características adverbiais, adquirindo características do vocativo, ou seja, atrai a atenção do interlocutor, colocando o mesmo em evidência. Além disso, ele está sinalizando o fechamento.

2.3.8 Análise do MSN16



L1 diz:

14[de que?

L2 diz:

15[a X já tá lendo quase tudo

kk

L1 diz:

16[que bom

L2 diz:

17[fomos ao shopping no domingo...

L1 diz:

18[e ela ficou lendo tudo o que via?

L2 diz:

19[ela via as placas de São Paulo 20[e ficava perguntando praY se era para
aquele lado

sim

21[me perguntou se no shopping tinha lava-jato

L1 diz:

22[e vc ficou todo bobo

L2 diz:

23[pergunte PQ?

24[ela me mostro a placa com a seta

Porção III- Núcleo II

kk

25[com certeza

kk

26[valeu a pena

27[ponto pra vc's

L1 diz:

28[mais é muito lindo mesmo quando eles estão aprendendo

29[obrigada

30[pena que vc não pode ir a feira

L2 diz:

31[não deu

32[na verdade nao sabia que era feira

33[ele me disse que tinha um evento,34[mas nao me falou que era

L1 diz:

35[foi muito bom

36[eu sou suspeita pra falar né

kkkkk

**Porção IV-
Núcleo III**

L1 diz:

37[e o fim de semana,38[vc's vão sair pra comemorar o aniversário da Z?

L1 diz:

39[estou querendo, 40[mas ela disse que não é idade de comemorar

41[estou esperando ela decidir

42[vc vai estar **AQUI**?

L2 diz:

43[vou sim

38[só nao sei se é em Igarapé ou BH

L1 diz:

hum

45[se a gente for sair te aviso,46[se vc puder

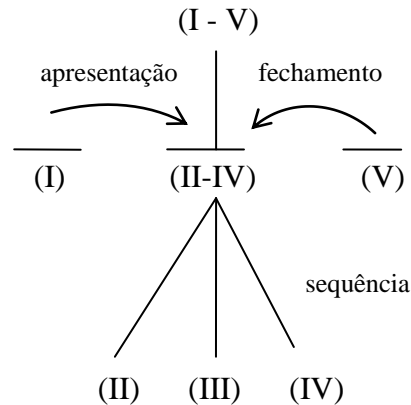
L2 diz:

47[oh, com certeza

**Porção V-
Satélite**

48[**AKI**, vou nessa

49[depois a gente se fala

Diagrama 14- Estrutura Retórica do MSN16

O texto MSN16, assim como o texto MSN9 e outros por nós já analisados, neste trabalho é uma conversação, que possui a estrutura completa da conversação, mencionada em capítulo anterior.

A primeira parte da estrutura constitui o satélite de abertura do texto, onde L1 e L2 se cumprimentam, nas UIs 1 a 8.

A UI 9 dá início à segunda porção do texto e também ao primeiro núcleo, constituído pelas UIs 9 a 29. Os interlocutores falam de uma criança que está aprendendo a ler e que supostamente é filha ou parente de L2, e que possui algum contato escolar com L1. Essa grande porção é o início de uma relação multinuclear de sequência, que será constituída pelos núcleos II, III e IV. A relação de sequência é estabelecida entre as porções maiores do texto — macroestrutura, nosso foco de análise —, mas também ocorre entre as partes menores (microestrutura), o que pode ser provado se verificarmos as UIs 18,19, e 20 (*18 [e ela ficou lendo tudo o que via? 19 [ela via as placas de São Paulo 20 [e ficava perguntando pra Y se era para aquele lado)*), onde L1 dá sequência à fala de L2 estabelecida na UI 17.

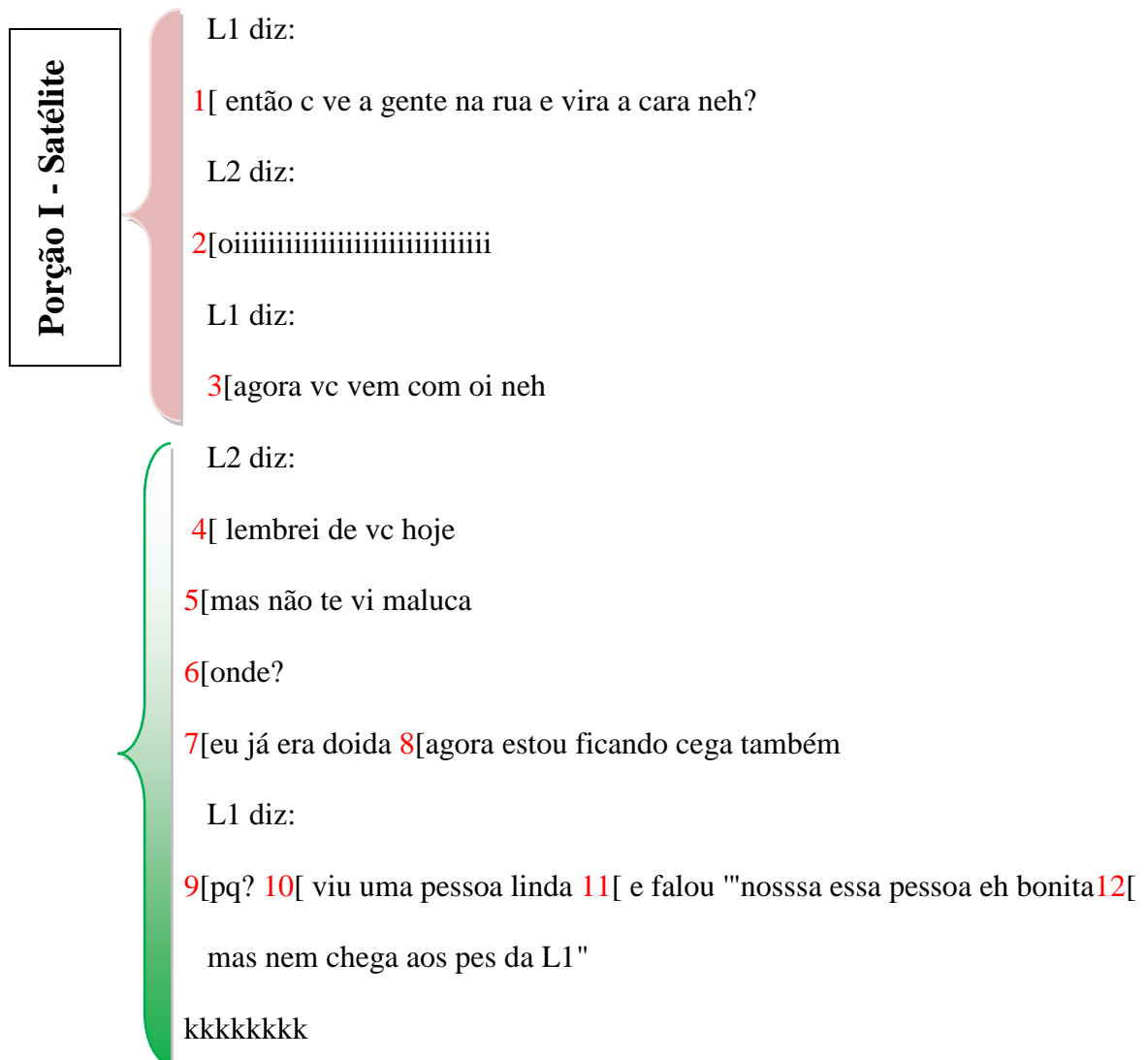
A terceira porção, UIs 30 a 36, correspondente ao núcleo II: os interlocutores deixam de falar da leitura da criança e começam um novo tópico, “a feira”; nesta porção L1 introduz o assunto “feira” na UI 30 e faz uma avaliação da mesma na UI 35.

A quarta porção, núcleo III, UIs 37 a 47, tem como novo assunto o fim de semana, sendo que, na UI 42, L1 lança mão do advérbio locativo “Aqui”, para delimitar o espaço onde

está e fazer uma pergunta a L1. Logo em seguida, numa pequena porção V, composta apenas por 2 UIs, L2 introduz o satélite de fechamento, ou seja, finaliza a conversa utilizando o elemento “Aqui” como vocativo.

Após mais esta análise, vamos comprovando a força que a forma lexical “Aqui” tem para demarcar tópicos, seja para introduzir um novo assunto ou para introduzir um satélite de fechamento. Se retirássemos o “Aqui ” da UI 48 (*AKI, vou nessa*) e deixássemos apenas a fala “*vou nessa*”, a UI não teria a mesma força ilocucionária e não teria o mesmo efeito atrativo sobre o interlocutor, pois é o elemento “Aqui” que cumpre o papel de atrativo e estabelece a comunicação entre os interlocutores.

2.3.9- Análise do MSN20



Porção II- Núcleo I

L2 diz:

kkkkkkkkkkkk

13[não 14[pq o X me disse que seu dignissimo vai instalar uns computa na escola da Roseira, 15[onde estou dando aula a noite, 16[á lembrei que tem quase 20 anos que não lhe vejo

L1 diz:

17[ah siim, entendii..!

18[tem 20 anos msmo

19[minha idade

hahahah

L2 diz:

kkkkkkkkkkkk

20[vc já é velha

L1 diz:

21[hj poderia me ver mas nao quis neh..

22[eu tava no ponto de onibus

L2 diz:

23[perto da minha mãe?

L1 diz:

24[siim

L2 diz:

25[pq vc não chamou

L1 diz:

26[pq qdo eu vi vc jah tava entrando no carro

Porção III- Núcleo II

L2 diz:

hummmmmmmmmmmmm

27[mas pelo menos teve a sorte de me ver de longe

kkk

L1 diz:

28[ah sim

29[nao posso negar

L2 diz:

30[mas vc está bem?

31[trabalhando?

L1 diz:

32[to bem sim

33[to trabalhando em betim

34[tem um ano jah

35[vai fazer agora no fim de julho

L2 diz:

36[estão de suportando esse tempo todo?

kkkkkkkkkk

37[onde?

L1 diz:

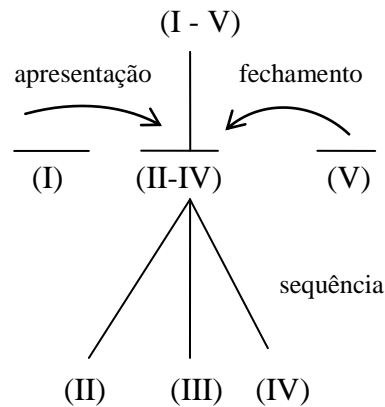
38[pois eh

39[achei q so vc me suportaria tanto tempo assim

40[eu faço estagio numa agencia de publicidade

	L2 diz:
	41[que lindo!
	L2 diz:
	42[vc merece
	L1 diz:
	43[obrigadaaa!
Porção IV Núcleo III	L2 diz:
	44[já está de férias?
	L1 diz:
	45[da faculdade siim
	46[AQUI eh nerd neh
	L2 diz:
	kkkk
Porção V - Satélite	47[AQUI, até +
	L1 diz:
	48[ate viu
	49[ve se ve as pessoas na rua
	50[troca o oculos
	L2 diz:
	51[não precisa trocar, 52[precisa começar a usar
rs	
	53[bjos

Diagrama 15- Estrutura Retórica do MSN20



O presente texto foi dividido em 53 unidades de informação, distribuídas em cinco porções, as quais formam a estrutura canônica de uma conversação, que possui entre os seus núcleos uma relação multinuclear de sequência, comum nas conversações.

A primeira porção, o satélite de abertura, corresponde às UIs 1 a 3. Os interlocutores se cumprimentam de uma maneira diferente dos demais textos; L1 começa sua fala, a primeira do tópico, com o marcador “então”, exercendo a mesma função de vocativo estabelecida pela forma lexical “Aqui”, por nós analisada. É como se L1 dissesse : *Aqui c ve a gente na rua e vira a cara neh* ao invés de *então c ve a gente na rua e vira a cara neh* . Assim é possível notar que outras palavras além dos advérbios podem funcionar como introdutor de tópico.

A porção II, núcleo I, corresponde às UIs 4 a 29. Nela os interlocutores comentam sobre o tempo em que não se veem. Já na porção III, núcleo II, os interlocutores conversam sobre o trabalho de L1 e, em seguida, na porção IV, temos a introdução do tópico “férias”, quando na UI 46, L1 utiliza o elemento “Aqui” para fazer uma referência de avaliação de si mesmo (*AQUI eh nerd neh*).

O texto chega ao fim com o satélite de fechamento, porção V; novamente em nossas análises temos mais satélite de fechamento marcado pela força do vocativo “Aqui”, que introduz a despedida de L2.

2.4 Considerações residuais: um teste

Para verificarmos se o papel do “Aqui” como vocativo é reconhecido por outras pessoas, solicitamos a uma professora de Língua Portuguesa dos níveis de ensino fundamental e médio, de uma escola particular da região metropolitana de Belo Horizonte, que trabalhasse com seus alunos os textos MSN10, aqui analisado, e MSN42, constante no *corpus* global, e pedisse aos mesmos que dessem a função da palavra “Aqui” destacada no texto. A professora aplicou o teste para 21 alunos, sendo esses estudantes do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. No MSN10 tínhamos a seguinte ocorrência: *aqui, da próxima vez que vc me chamar de gorda vai levar uma viu*. Nele, 17 dos 21 alunos que fizeram a análise reconheceram o “Aqui” como um chamamento, mesmo não usando a nomenclatura vocativo, até porque a professora não exigiu que se usasse termo técnico. Os 17 alunos reconheceram que a forma lexical foi usada para chamar a atenção do interlocutor.

No MSN42 a ocorrência era: *o pessoal aqui ainda vai gostar*. Nesta análise os alunos não tiveram dúvidas que não se tratava de um chamamento, porém, apenas 15 alunos fizeram a classificação de indicação de lugar, os demais se perderam em outras funções como por exemplo predicativo do sujeito, ou seja, não sabiam que nome dar, mas ficou claro que e muito evidente a distinção que eles fizeram do vocativo para o advérbio locativo, pois, nessa segunda ocorrência não houve nenhuma indicação de chamamento por nenhum aluno.

Esse teste contribuiu muito para que tivéssemos a certeza de que o novo uso por nós evidenciado é reconhecido por outros falantes da Língua Portuguesa.

3.CONCLUSÃO

Considerando que a língua não é estática e que está em constante mudança, o presente trabalho buscou analisar um novo uso evidenciado da forma lexical “Aqui” no programa de bate-papo por computador — MSN.

Ao lançar um novo olhar sobre o uso da forma lexical “Aqui” sabíamos que estávamos diante de um grande desafio: propor novas funções ainda não reconhecidas pela gramática tradicional para esse elemento; mas tínhamos a certeza de que tal desafio seria válido, pois nosso objetivo estava em analisar os novos usos que as pessoas fazem de determinadas palavras, sendo estes permitidos pela língua, que vive em constante mudança.

Nossa análise teve início após a seleção de 10 textos que fazem parte de um banco de dados de 65 textos por nós coletados. Num primeiro momento, lançamos mão da teoria proposta por Mann e Thompson (1983), Mann (1984) e Matthiessem e Thompson (1988), a RST, que é uma teoria descritiva e tem como objetivo descrever as partes do texto, tanto as partes maiores quanto as menores.

Antes de analisar as funções desempenhadas pelo elemento “Aqui”, analisamos a estrutura retórica dos textos, pois também era nosso objetivo verificar se o elemento “Aqui” influenciava nas relações retóricas entre as grandes porções textuais. Após fazer uma minuciosa análise percebemos que em vários textos a forma lexical “Aqui” era responsável por encerrar ou abrir um novo bloco de informação, exercendo muitas vezes a função de introdutor de tópico, que como, afirma Jubran (1992), decorre de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional da conversação; e os textos do MSN fazem parte de um processo de co-construção, ou seja, são construídos por ambos os usuários do programa no ato interacional.

Nos 65 textos coletados tivemos um total de 149 ocorrências da forma lexical “Aqui”, sendo que 111 exerciam a função de advérbio locativo definida pela gramática tradicional, como visto em Bechara (1968). Mas o curioso a observar foi que, em nenhuma dessas 111 ocorrências como locativo, o elemento “Aqui” teve a função de demarcar ou introduzir um novo tópico, ele sempre cumpriu a função de indicar o local ou lugar ao qual se referia, como por exemplo neste trecho do MSN1 *e eu tava aki em Bh*, onde o usuário quis apenas indicar ao seu interlocutor o local onde ele estava.

Embora o número de ocorrências que fugiram à função tradicional de locativo fosse um número inferior —, pois tivemos 38 ocorrências que não se enquadraram na função de advérbio — consideramos extremamente relevante fazer uma análise minuciosa dessas 38 ocorrências, para mostrar que um novo uso ali se estabelecia. Vale ressaltar que nossa intenção não era fazer uma análise quantitativa, para nós o que interessava era saber se existia alguma nova ocorrência com função diferente daquela de advérbio, ou seja, se as pessoas estavam fazendo um novo uso do elemento “Aqui”, independentemente da quantidade de vezes que ocorreria nos textos.

Assim percebemos que nas 38 ocorrências a forma lexical “Aqui” influenciou na estrutura retórica do texto das seguintes formas:

- introduzindo o primeiro bloco informacional do texto, podendo essa introdução ser feita no primeiro núcleo do texto, pois, como foi relatado no capítulo 1, devido às permissões do programa MSN algumas conversações não possuem o satélite de abertura, como ocorreu no MSN 10 em que L1 começa sua interação com L2 sem cumprimentá-lo, fazendo uso do elemento “Aqui” para atrair a atenção de L2 e começar a conversa;
- introduzindo um novo bloco, demarcando a mudança de tópico, como pôde ser verificado no MSN11, na UI 8, onde L2 deixa de falar da locação de roupas, e introduz através da forma lexical “Aqui” o tópico “foto de dunas”;
- introduzindo o satélite de fechamento, ou seja, demarcando que se está saindo da conversa, como visto no MSN6, UI 43.

Dessa maneira, a forma lexical “Aqui”, demarcando as introduções de tópicos, possibilitou que se mantivesse a coerência textual, permitindo, na maioria dos textos, que se efetivasse uma relação retórica de sequência entre os blocos informacionais.

Para demonstrar a relação de sequência e a estrutura do texto conversacional, na seção 1.4, do capítulo 1 propusemos a estrutura da conversação no MSN, a qual poderia ser representada de 4 maneiras, sendo elas:

- 1ª: estrutura da conversação completa, contendo o satélite de abertura, o núcleo ou núcleos da conversação e o satélite de fechamento;
- 2ª : estrutura da conversação sem o satélite de abertura, aquela em que se tem o início da conversação sem os cumprimentos;

- 3ª: estrutura da conversação sem satélite de fechamento, onde, por algum motivo— seja falha na conexão ou apenas abandono da conversação —, os interlocutores saem sem se despedir;
- 4ª: estrutura da conversação sem o satélite de abertura e o satélite de fechamento, onde tem-se apenas os núcleos (assuntos) da conversa. Vale lembrar que o programa utilizado permite que tais variações aconteçam.

Dentre as 38 ocorrências do “Aqui” que não se enquadraram na função de advérbio locativo, fizemos a separação em 2 grupos, sendo o grupo dos marcadores discursivos e o grupo dos vocativos. Assim constatamos que, quando o elemento “Aqui” era utilizado no decorrer de um bloco informacional, ou seja, quando ele não vinha no início de um bloco, e não indicava lugar, ele desempenhava a função de demarcador de um novo assunto, porém, sem força atrativa, como demonstrado no MSN3 UI 20 : *mas aki, a X e eu estavamos falando de marcar alguma coisa essa semana*. Como se pode perceber a forma lexical “Aqui” dá início a um novo assunto, mas sem necessariamente chamar a atenção do interlocutor.

Marchuschi (1991) afirma que os marcadores não funcionam apenas para indicar que se está passando para algo novo, mas que esta passagem tem uma razão a ser notada, ou seja, os novos usos não acontecem em vão. Em nosso *corpus* encontramos 12 ocorrências do elemento “Aqui” como marcador discursivo.

No segundo grupo por nós proposto, o vocativo, encontramos 26 ocorrências no *corpus* da pesquisa exercendo essa função, pois, como relata Bechara (2003), o vocativo cumpre uma função apelativa de 2ª pessoa, na qual chamamos ou colocamos em evidência a pessoa à qual nos dirigimos; e foi esse fator de chamar a atenção que evidenciamos nessas 26 ocorrências, podendo tomar como exemplo a UI 36 do MSN1, onde L2 diz: *aki, vou sair*, ou seja, ele utiliza a forma lexical “Aqui” para chamar a atenção do interlocutor e dizer que está saindo da conversa. E, ao mesmo tempo em que o elemento “Aqui” atrai a atenção para encerrar a conversa, demarca a introdução do satélite de fechamento.

Ao final deste trabalho podemos dizer que conseguimos alcançar os quatro objetivos por nós estabelecidos no capítulo 1, seção 1.6, pois verificamos que no gênero textual MSN a forma lexical “Aqui” não perde sua função de advérbio locativo; o que ocorre é que em determinados momentos ela exerce novas funções, podendo num mesmo texto ocorrer a forma lexical “Aqui” como: advérbio locativo, marcador discursivo e vocativo. O que vai diferenciar é a finalidade pela qual foi empregado. Assim constatamos que o elemento “Aqui”

pode, sim, exercer a função de vocativo e marcador discursivo, que era nosso segundo objetivo, o qual nos levava ao terceiro objetivo, o de analisar em quais circunstâncias era empregado, ou seja, se demarcava lugar, funcionava como advérbio locativo; se era utilizado no decorrer do bloco informacional para introduzir um assunto, funcionava como marcador discursivo; e, por último, se vinha no início dos blocos informacionais, chamando a atenção do interlocutor para introduzir um novo tópico, muitas vezes, nos satélites de abertura e fechamento.

Nosso último objetivo, o de verificar que tipo de relação retórica a forma lexical “Aqui” mantinha com as porções do texto, também foi alcançado, pois, verificamos que o “Aqui” mantinha a coerência textual, possibilitando uma relação multinuclear de sequência entre as grandes porções do texto.

Assim concluímos que é importante valorizarmos todos os novos usos que as palavras venham a desempenhar na língua, pois, a partir de uma simples observação que fizemos na oralidade, conseguimos verificar o mesmo uso na escrita, o que nos proporcionou um trabalho de pesquisa prazeroso ao longo desses dois anos. Agora fica a seguinte pergunta: será que esse novo olhar que tivemos sobre a forma lexical “Aqui” pode ser empregado em outras formas lexicais? Ou ainda, será que esses novos usos se perderão com o passar do tempo, ou farão parte de um processo de gramaticalização? As respostas para essas perguntas somente serão possíveis em uma pesquisa futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONIO, J. D. *Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português*. UNESP, Araraquara/SP, Tese de Doutorado, 2004, inédita.
- _____. *Proposições relacionais e conversação: uma análise das relações estabelecidas nas trocas de turno*. Maringá, v.25, n.1, p.059-063, 2003.
- ARAÚJO, J.C. e RODRIGUES-B, B. *Interação na Internet: Novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BAZERMAN, C. *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. Organização de Ângela P. Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2ª Ed., 2006.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa, com base na nomenclatura Gramatical Brasileira*. São Paulo: Ed Nacional, 13ª ed. 1968.
- CASTILHO, A, T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Ed: Contexto, 2010, p. 225.
- CHAFE, W. *The pear Stories*. Norwood: Ablex, 1980

CORREIA, M.R.F.R e NETO,E.P. *Os usos da forma lexical “Aqui” no MSN: uma abordagem funcionalista à luz da Teoria da Estrutura Retórica*. ANAIS-ISSN 2177-6350.2010. Disponível em www.cielli.com.br.

CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Ed. Bernardo Álvares S/A, 1971.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 3ª ed., 2001.

DECAT, M.B.N. Estrutura retórica de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In: SARAIVA, M.E.F e MARINHO, J. H.C.(orgs). *Estudos da língua em uso: da gramática ao texto*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, p.233.

FÁVERO, L.L. ET AL. Interação em diferentes contextos. In: BENTES, A.C. e LEITE M.Q. *Linguística de texto e Análise da Conversação Panorama das Pesquisas no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez, 2010, p.113.

JUBRAN, C.C.A.S e KOCH, I. G.V., *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol I- Construção do Texto Falado. Campinas: Editora da UNICAMP,2006,p. 43

JUBRAN, C.C.A.S ET AL. Organização Tópica da Conversação. In: ILARI, R. *Gramática do Português Falado*. Vol. II- Níveis de Análise Linguística. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, p.361.

KOCH, I. G.V. Aspectos do processamento de fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. de *Gramática do Português Falado*. Vol I- A Ordem. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 152-153.

MANN, W.C.; THOMPSON, S. A. *Rhetorical Structure Theory: a framework for the analysis of texts*. ISI/RS-87-185, 1987.

MANN, W. & THOMPSON, S. A. Relational propositions in discourse. California: University of South California: 1983,p.3-9.

MANN, W. C. Discourses Structures for Text Generation. ISI/RR – 84-127. 1984

MARCUSHI, L.A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática,1991.

_____. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade In: DIONÍSIO, MACHADO e BEZERRA (orgs.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MEDEIROS, N.C.C. *O Bate-papo da Internet: entre a oralidade e a escrita*. Belo Horizonte, Puc Minas, 2000. (dissertação de mestrado)

MODESTO, A.T.T. A Estrutura Conversacional nas Interações Mediadas por Computador: O Caso MSN Messenger. S/d. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcw/enil/pdf/58_Artaxerxes_Tiag_%20TM_revisto_.pdf. Acesso em 17 fev. 2011.

TABOADA, M e LAVID, J. *Functions of Language* 10(2): 147-179, 2003.

VALLE, C.R.M. Marcadores discursivos: considerações sobre os limites entre a gramaticalização e a discursivização, UFSC, n° 4, 2000.

VELAME, E.A Criação Vocabular no Bate-Papo MSN. *Revista ao Pé da Letra*: 2008 v.10.2, p.31-52

<http://www.baixaki.com.br/info/1515-curiosidades-sobre-emoicons-e-abreviacoes.htm>

<http://www.interponta.com.br/~tutorial/suporte/comosuriguainternet.htm>

<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Tradução de Rui Manoel Silva

<http://www.uems.br/cellms/documentos/14%20-20LINGUAGEM%20E%>

ANEXOS

ANEXO I- Definições das relações RST utilizadas (retiradas de Mann,2009)

Definições das relações de apresentação			
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Antítese	em N: A tem atitude va face a N	N e S estão em contraste (cf. a relação de Contraste); devido à incompatibilidade suscitada pelo contraste, não é possível ter uma atitude positiva perante ambas as situações; a inclusão de S e da incompatibilidade entre as situações aumenta a atitude positiva de L por N	A atitude positiva do L face a N aumenta
Concessão	em N: A possui atitude positiva face a N em S: A não afirma que S não está certo	A reconhece uma potencial ou aparente incompatibilidade entre N e S; reconhecer a compatibilidade entre N e S aumenta a atitude positiva de L face a N	A atitude positiva de L face a N aumenta
Elaboração	em N: apresenta uma acção de L (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S por L aumenta a capacidade potencial de L para executar a acção em N	A potencial capacidade de L para executar a acção em N aumenta
Evidência	em N: L pode não acreditar em N a um nível considerado por A como sendo satisfatório em S: L acredita em S ou considera-o credível	A compreensão de S por L aumenta a crença de L em N	A crença de L em N aumenta
Fundo	em N: L não compreende integralmente N antes de ler o texto de S	S aumenta a capacidade de L compreender um elemento em N	A capacidade de L para compreender N aumenta
Justificação	nenhuma	A compreensão de S por L aumenta a sua tendência para aceitar que A apresente N	A tendência de L para aceitar o direito de A a apresentar N aumenta
Motivação	em N: N é uma acção em que L é o actor (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S aumenta a vontade de L para executar a acção em N	A vontade de L para executar a acção em N aumenta
Preparação	nenhuma	S precede N no texto; S tende a fazer com que L esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler N	L está mais preparado, interessado ou orientado para ler N
Reformulação	nenhuma	em N + S: S reformula N, onde S e N possuem um	L reconhece

		peso semelhante; N é mais central para alcançar os objectivos de A do que S	S como reformulação
Resumo	em N: N deve ser mais do que uma unidade	S apresenta uma reformulação do conteúdo de N, com um peso inferior	L reconhece S como uma reformulação mais abreviada de N

Definições das relações de conteúdo			
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Alternativa condicional)	(anti- em N: N representa uma situação não realizada em S: S representa uma situação não realizada	realização de N impede a realização de S	L reconhece a relação de dependência de impedimento que se estabelece entre a realização de N e a realização de S
Avaliação	nenhuma	em N + S: S relaciona N com um grau de atitude positiva de A face a N	L reconhece que S confirma N e reconhece o valor que lhe foi atribuído
Causa involuntária	em N: N não representa uma acção voluntária	S, por outras razões que não uma acção voluntária, deu origem a N; sem a apresentação de S, L poderia não conseguir determinar a causa específica da situação; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objectivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece S como causa de N
Causa voluntária	em N: N constitui uma acção voluntária ou mesmo uma situação possivelmente resultante de uma acção voluntária	S poderia ter levado o agente da acção voluntária em N a realizar essa acção; sem a apresentação de S, L poderia não perceber que a acção foi suscitada por razões específicas ou mesmo quais foram essas razões; N é mais importante do que S para cumprir os objectivos de A, na criação da combinação N-S	L reconhece S como a causa da acção voluntária em N
Circunstância	em S: S não se encontra	S define um contexto no assunto, no âmbito do qual se	L reconhece que S fornece o contexto para

	realizado	pressupõe que L interprete N	interpretar N
Condição	em S: S apresenta uma situação hipotética, futura, ou não realizada (relativamente ao contexto situacional de S)	Realização de N depende da realização de S	L reconhece de que forma a realização de N depende da realização de S
Condição inversa	nenhuma	S afecta a realização de N; N realiza-se desde que S não se realize	L reconhece que N se realiza desde que S não se realize
Elaboração	nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto :: membro abstracção :: exemplo todo :: parte processo :: passo objecto :: atributo generalização :: especificação	L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornece pormenores
Incondicional	em S: S poderia afectar a realização de N	N não depende de S	L reconhece que N não depende de S
Interpretação	nenhum	em N + S: S relaciona N com várias ideias que não se encontram directamente relacionadas com N, e que não estão relacionadas com a atitude positiva de A	L reconhece que S relaciona N com várias ideias que não se encontram relacionadas com o conhecimento apresentado em N
Método	em N: uma actividade	S apresenta um método ou instrumento que tende a aumentar as probabilidades de realização de N	L reconhece que o método ou instrumento de S tende a aumentar as probabilidades de realização de N
Propósito	em N: N é uma actividade; em S: S é uma situação que não se encontra realizada	S será realizado através da actividade de N	L reconhece que a actividade em N se inicia para realizar S
Resultado involuntário	em S: S não representa uma acção voluntária	N causou S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objectivos de A, ao criar a combinação N-S, do que	L reconhece que N poderia ter causado a situação em S

		a apresentação de S	
Resultado voluntário	em S: S constitui uma situação ou acção voluntária possivelmente resultante de uma acção voluntária	N pode ter causado S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objectivos de A do que a apresentação de S	L reconhece que N pode ser uma causa da acção ou situação em S
Solução	em S: S apresenta um problema	N constitui uma solução para o problema apresentado em S	L reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S

Definições das relações multi-nucleares

Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção de A
Conjunção	em-se para formar uma cada um dos elementos apel semelhante	L reconhece que os elementos inter-relacionados se encontram em conjunto
Contraste	Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças	L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada
Disjunção	Um dos elementos apresenta uma alternativa (não necessariamente exclusiva) à(s) outra(s)	L reconhece que os elementos inter-relacionados constituem alternativas
Junção	nenhuma	nenhuma
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados
Reformulação multi-nuclear	Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objectivos de A	L reconhece a repetição através dos elementos relacionados
Sequência	Existe uma relação de	L reconhece as relações de sucessão entre

	sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos	os núcleos
--	------------------------------------------------------	------------

**ANEXO 2- Número de Ocorrências do "Aqui" no
corpus de MSN analisado e suas funções**

MSN Nº	Nº de Ocorrências do "Aqui"	Função
1	1	Vocativo
	1	Advérbio Locativo
2	5	Advérbio Locativo
3	1	Marcador discursivo
4	3	Advérbio Locativo
	1	Vocativo
5	3	Vocativo
6	1	Advérbio Locativo
	1	Vocativo
7	1	Marcador discursivo
8	1	Vocativo
9	1	Advérbio Locativo
	1	Vocativo
10	1	Vocativo
11	2	Vocativo
12	1	Advérbio Locativo
13	1	Marcador discursivo
14	1	Advérbio Locativo
	1	Vocativo
15	1	Advérbio Locativo
16	1	Advérbio Locativo
	1	Vocativo
17	1	Vocativo
18	3	Advérbio Locativo
	1	Vocativo
19	8	Advérbio Locativo
	2	Vocativo
	1	Marcador discursivo
20	1	Advérbio Locativo
	1	Vocativo
	1	Marcador discursivo
21	6	Advérbio Locativo

22	2	Advérbio Locativo
23	3	Advérbio Locativo
24	4	Advérbio Locativo
25	1	Advérbio Locativo
26	3	Advérbio Locativo
27	1	Vocativo
28	1	Vocativo
29	1	Advérbio Locativo
30	1	Vocativo
31	1	Advérbio Locativo
	1	Marcador discursivo
32	1	Marcador discursivo
33	3	Advérbio Locativo
34	4	Advérbio Locativo
35	1	Advérbio Locativo
36	1	Vocativo
	1	Marcador discursivo
37	3	Advérbio Locativo
38	1	Advérbio Locativo
39	1	Advérbio Locativo
40	1	Advérbio Locativo
41	1	Advérbio Locativo
42	1	Advérbio Locativo
43	1	Advérbio Locativo
44	3	Advérbio Locativo
	1	Vocativo
45	4	Advérbio Locativo
46	1	Advérbio Locativo
47	2	Advérbio Locativo
	1	Vocativo
48	7	Advérbio Locativo
49	1	Advérbio Locativo
	1	Marcador discursivo
50	1	Advérbio Locativo
51	4	Advérbio Locativo
52	1	Advérbio Locativo
53	4	Advérbio Locativo
54	2	Advérbio Locativo

55	2	Advérbio Locativo
56	1	Vocativo
57	1	Vocativo
58	1	Marcador discursivo
59	1	Advérbio Locativo
60	1	Vocativo
	1	Advérbio Locativo
61	1	Vocativo
	1	Advérbio Locativo
62	1	Advérbio Locativo
63	7	Advérbio Locativo
64	3	Advérbio Locativo

149

Nº de ocorrências como Advérbio Locativo	111
Nº de ocorrências como Marcador Discursivo	12
Nº de ocorrências como Vocativo	26
Total de ocorrências da forma lexical "Aqui"	149

ANEXO III- GLOSSÁRIO

Lista de palavras abreviadas ou com escrita diferente da ortografia tradicional encontradas nos 10 textos analisados durante o trabalho.

Palavras ou símbolos digitados	Escrita Correta ou Significado do Símbolo
+	Mais
Aki	Aqui
Bjo	Beijo
Bjs	Beijos
Bju	Beijo
Blzinha	Belezinha
C	Você
Ce	Você
Cmg	Comigo
D	De
D	Deus
Eh	É
Ein	Hein
Hj	Hoje
Jah	Já
Msmo	Mesmo
Neh	Né
Peraí	Espera aí
Pq	Porque
Q	Que

Qdo	Quando
T+	Até mais
Tá	Está
To	Estou
Vc	Você
Xau	Tchau

ANEXO IV- CD ROM